



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – CSHNB
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARIA PALLOMA DA SILVA SANTOS

**AS CICATRIZES DO PRECONCEITO NAS RELAÇÕES SOCIAIS: DE
HOGWARTS Á REALIDADE**

PICOS – PI

2017

MARIA PALLOMA DA SILVA SANTOS

**AS CICATRIZES DO PRECONCEITO NAS RELAÇÕES SOCIAIS: DE
HOGWARTS Á REALIDADE**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí - UFPI como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia. Sob orientação da Prof^a Ma. Cristiana Barra Teixeira.

**PICOS - PI
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

S237c Santos, Maria Palloma da Silva.
As cicatrizes do preconceito nas relações sociais: de
Hogwarts à realidade / Maria Palloma da Silva Santos.– 2017.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (70 f.)
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) –
Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.
Orientador (A): Profa. Ma. Cristiana Barra Teixeira

1. Questões Eugênicas. 2.Relações Sociais. 3.Escola.
I. Título.

CDD 370.115

MARIA PALLOMA DA SILVA SANTOS

AS CICATRIZES DO PRECONCEITO NAS RELAÇÕES SOCIAIS: DE
HOGWARTS À REALIDADE

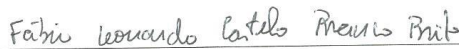
Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí - UFPI como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia. Sob orientação da Prof^a Ma. Cristiana Barra Teixeira.

Aprovada em: 21 / 11 / 2017


BANCA EXAMINADORA



Prof^a: Ma. Cristiana Barra Teixeira
Orientadora - UFPI/CSHNB



Prof^o: Dr.^a Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Membro 01: UFPI/CSHNB



Prof^o: Me. Jaaziel de Carvalho Costa
Membro 02 - UFPI/CSHNB

DEDICATÓRIA

A Deus,
Pelas incontáveis vezes que me levantou.

E a minha família,
Por sempre estar ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Uma coisa que preciso fazer após a realização desse trabalho é agradecer, dessa forma quero começar agradecendo a Deus pela dádiva da vida, por me sustentar nas vezes que me vi cair, por não permitir desistir nas inúmeras vezes que pensei em desistir e, principalmente, por permitir que eu enfrentasse o maior desafio que tive que enfrentar que foi acreditar em mim mesma. Te louvo por isso Senhor, a Ti toda honra e glória.

Aos meus pais, Elto e Veronice, pela garra de vocês, por lutarem comigo para alcançar meus objetivos, por estarem ao meu lado em cada batalha, pelo apoio, pelo amor e pelo incentivo. Realizo esse sonho graças a vocês.

A Cristiane pelas palavras encorajadoras, pelo carinho, por ter me ajudado a construir esse caminho, você também faz parte dessa conquista.

Aos meus irmãos, Mônica, Carol, Elto Júnior, Peters e Otle, que apesar dos desentendimentos, das expulsões de vocês do meu quarto, eu agradeço por serem o alicerce da minha vida, sem o amor e o carinho de vocês meus dias não seriam os mesmos.

Ao meu sobrinho, Hiago por me encher de amor e cheiros, sendo minha fonte de alegria quanto andava triste e ao meu cunhado Francielton.

Aos meus avós, em especialmente meu avô Antônio (in memoria), pelas orações, os abraços e as palavras carregadas de doçuras e amor. Amo vocês.

Aos meus demais familiares, tios, tias, primos, afilhados, pelo incentivo e a força que me passavam.

Aos meus amigos de infância e da escola que permanecem até hoje comigo, Franciele, Bruno, Elizângela, Tamires, Geysa e Ohana, por estarem ao meu lado mesmo quando não tinha tempo para estarem com vocês, por me ouvir, pela torcida, por me instigarem e cuidar de mim.

Aos meus amigos que a universidade me deu e que sou imensamente grata por esse presente de Deus, Darcilane, Meiriane, Thais, Sabrina, Vinicius e Bianca, pelo cuidado, pelas longas jornadas de estudo, por me darem um colo amigo quando precisei, pelos abraços, pelos afetos, por me darem abrigo, pela força, por serem quem vocês são em minha vida, não tenho palavras para agradecer... Amo vocês.

Aos meus alunos por encherem minhas manhãs de sorrisos, abraços e muito amor.

A todos os professores que já passei, desde a primeira que pegou em minha mão para que aprendesse meu nome, devo essa conquista a vocês, pois sem a paciência, o cuidado, o carinho e a dedicação, não estaria realizando esse sonho, guardo até hoje em meu coração muitas das aprendizagens que contribuíram para a minha formação enquanto professora e ser humano.

Aos meus professores da universidade pela grandiosa colaboração para minha formação.

A minha banca examinadora, o Professor Dr. Fábio Leonardo e o Professor Mr. Jaaziel pela contribuição a esse trabalho.

A minha orientadora Cristiana Barra, por ser minha fonte de inspiração quando adentro a sala de aula e tento ser um pouco dela para com meus alunos, por ser aquela luz no fim do túnel para me mostrar que sou capaz, pelas palavras de carinho, pelos afetos e pela compreensão.

A Joanne Kathleen Rowling, conhecida por J. K. Rowling, por me apresentar esse universo mágico de Harry Potter, por ter me levado através da imaginação à lugares que só encontramos adentrando aos livros e por ter tornado essa pesquisa mais prazerosa.

Em fim, agradeço a todos, que direta ou indiretamente colaboração para que alcançasse meus objetivos e chegasse até aqui, que Deus nos abençoe e derrame graças sobre nós.

Muito obrigada!

Palavras são, na minha não tão humilde opinião,
Nossa inesgotável fonte de magia.
Capazes de ferir e de curar.

(ROWLING, 2007)

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre as questões eugênicas marcantes em Hogwarts: uma discussão sobre as possibilidades de uma escola que atenda as diversidades. Partindo da questão problema: Quais as possibilidades de uma escola que ultrapasse as questões eugênicas e suas cicatrizes sociais? Para reflexões sobre essa questão tivemos como objetivo geral analisar as questões eugênicas marcantes em Hogwarts discutindo as possibilidades de uma escola que atenda as diversidades. Visando, especificamente, identificar e conceituar as questões eugênicas que marcam as relações sociais; discorrer sobre as marcas eugênicas existentes na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e suas consequências e, por fim, refletir sobre as cicatrizes e suas implicações na construção de uma escola para todos. Optamos pela pesquisa de cunho qualitativo, embrenhando pelo estudo teórico com base na revisão bibliográfica, assim fizemos análises de trechos e falas de personagens da série Harry Potter, composta por sete livros escrita pela autora britânica J. K. Rowling, relacionando-os a nossa realidade. Para subsidiar essa pesquisa, usamos as contribuições de autores como: Giddens (2005), Bourdieu (1989), Abramovay (2002), Durkheim (2011), Meksenas (1988), Albuquerque júnior (2016), Candau (2011), entre outros. Essa pesquisa nos revelou que as questões eugênicas que estão imbricadas em nossa sociedade são pontos a serem discutidos, principalmente no seio educacional; como a escola enquanto instituição responsável pela construção de uma sociedade que venha acolher seus semelhantes, não os distinguindo devido sua raça, cor, etnia ou sexo, e tratando não de maneira igual, mas conforme que possam ser incluídos de acordo com suas particularidades. Acreditamos que esse estudo possa contribuir para pesquisas futuras. Pretendendo que novas pesquisas possam ser realizadas com o propósito de aprofundar e dar seguimento a essa discussão.

Palavras-chave: Questões eugênicas. Relações sociais. Uma escola para todos. Educação.

ABSTRACT

This work seeks to reflect on the outstanding eugenic issues at Hogwarts: a discussion about the possibilities of a school that attends to diversities. Starting from the question problem: What are the possibilities of a school that surpasses the eugenic questions and their social scars? For reflection on this issue we had as a general objective to analyze the outstanding eugenic issues at Hogwarts discussing the possibilities of a school that meets the diversities. Aiming, specifically, to identify and conceptualize the eugenic issues that mark the social relations; to discuss the eugenic brands in Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry and its consequences, and finally to reflect on the scars and their implications for building a school for all. We opted for a qualitative research, going through the theoretical study based on the bibliographical review, so we did analyses of excerpts and lines of characters from the Harry Potter series, composed of seven books written by J.K. Rowling, relating them to our reality. To support this research, we used the contributions of authors such as: Giddens (2005), Bourdieu (1989), Abramovay (2002), Durkheim (2011), Meksenas (1988), Albuquerque júnior (2016), Candau (2011), among others. This research has revealed to us that the eugenic issues that are imbricated in our society are points to be discussed, mainly in the educational sphere; like the school as an institutional responsible for the construction of a society that welcome its peers, not distinguishing them due to a race, color, ethnicity or sex, and treating not the same way, but as they can be included according to their particularities. We believe that this study may contribute to future research. Pretending that new research can be carried out with the purpose of deepening and following up on this discussion.

Keywords: Eugenic issues. Social relationships. A school for all. Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPITULO I – SOBRE O PRECONCEITO: ALGUNS APONTAMENTOS	16
1.1 Algumas notas conceituais	17
1.2 Enlaces sociais e suas marcas	21
1.3 Sobre os paradigmas sociológicos: a escola e a (re) produção social.....	25
CAPÍTULO II – EUGENIA EM HOGWARTS	30
2.1 As Marcas da eugenia em Hogwarts.....	31
CAPÍTULO III - OS CAMINHOS PARA UMA ESCOLA DAS DIVERSIDADES	49
3.1 A teoria do conflito e do consenso em Hogwarts: a origem dos conflitos	50
3.2 As cicatrizes dos preconceitos nas relações sociais	56
3.3 O que é uma escola das diversidades?	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	68

INTRODUÇÃO

A história de Harry Potter, o menino que sobreviveu, é contemplada em uma série composta por sete livros escritos pela britânica J. K. Rowling, que alcança milhares de pessoas até hoje, sendo lançado seu primeiro livro em 1998 no Reino Unido e no Brasil somente no ano de 2000. Essa narrativa nos apresenta um universo cheio de magia e aventura, com os mais fascinantes seres mágicos, que apesar de se suceder em contexto diferente ao nosso nos leva a pensar acerca dos acontecimentos explícitos em relação à segregação, que deixa evidente a luta por uma sociedade homogênea, composta por aqueles que se assemelham aos seus moldes.

Nessa linha, entendemos que é da natureza do ser humano conviver em sociedade, formando grupos de diversas etnias e desenvolverem suas culturas e seus costumes. Na antiguidade, os grupos sociais viviam isolados pela falta de comunicação. Entretanto, com a crescente modernização essas fronteiras foram se estreitando, possibilitando às pessoas o contato com as mais diferentes culturas, podendo conhecê-las e até mesmo partilhar dos ritos e tradições.

Assim como no nosso mundo, no orbe criado pela escritora J. K. Rowling, o preconceito e a discriminação são fenômenos abundantes, no qual podemos observar a relação de poder de uma “raça” para com outra, que busca banir bruxos e criaturas por não contemplarem protótipos definidos nessa sociedade, privando-os de seus direitos.

Por apreciar livros literários, e principalmente sagas, sempre carregava o desejo de poder usar como fonte para essa pesquisa algum livro ou série que já tivesse lido, no entanto, por contemplar esse universo mágico, pude perceber o quão rico essa história é de elementos para possíveis trabalhos acadêmicos, assim escrevemos um artigo abordando as práticas avaliativas, entretanto, por querer, através de um trabalho, passar uma mensagem que viesse somar com questões sociais, que são pertinentes em nossa sociedade, desfrutamos da ideia de abordar sobre as cicatrizes sociais, tendo como suporte as questões eugênicas presentes em Hogwarts. Como também, pelo interesse de estudar mais a fundo as questões sociais, procurando relacionar a ficção ao mundo real, pois é bem presente nessa narrativa assuntos dos quais vem a tratar sobre discriminação, segregação, eugenia, como também tolerância, valores, preconceitos, exclusão social.

A análise e interpretação dos escritos da autora dispõe da possibilidade de remodelar os significados das informações que abordam os livros. Neste seguimento, as obras têm muito a revelar sobre o tema em estudo, pois traz como as questões de diversidades são abordadas e

como vêm influenciar na escola de Hogwarts, assim como podemos suscitar reflexões sobre nossa sociedade e a produção das desigualdades sociais, da segregação, do preconceito, dentre outras questões.

Nesse sentido, diante da apreciação da série Harry Potter, buscamos refletir sobre a possibilidade de uma escola que ultrapasse as questões eugênicas e suas cicatrizes sociais, na qual a autora mostra, através da ficção, o preconceito e, como também as consequências desses fatos nas vidas dos personagens.

Essa pesquisa toma como propósito central analisar sociologicamente as questões eugênicas em *Hogwarts* para que possamos sondar esses reveses que insistem em perdurar no nosso contexto social por meio de grupos que tendem a menosprezar seus semelhantes, devido suas condições sociais, étnicas e raciais.

Alinhando a importância de se pesquisar sobre os traços deixados pelo preconceito e sabendo da relevância da discussão desse fenômeno em nosso corpo social, essa pesquisa torna-se crucial para o estudo da diversidade no âmbito social. Assim, partiremos com o seguinte problema: Quais as possibilidades de uma escola que ultrapasse as questões eugênicas e suas cicatrizes sociais?

Em torno da questão norteadora seguimos o objetivo geral de analisar as questões eugênicas marcantes em *Hogwarts* discutindo as possibilidades de uma escola que atenda as diversidades. Para isso, se fez necessário especificamente identificar e conceituar as questões eugênicas que marcam as relações sociais; discorrer sobre as marcas eugênicas existentes na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts* e suas consequências; refletir sobre as cicatrizes e suas implicações na construção de uma escola para todo.

Desse modo, optamos por realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, pois se sustentando ao pensamento de Richardson (2012), esse tipo de pesquisa se encarrega de evidenciar o comportamento e as particularidades das pessoas, sem precisar quantificá-las através de representações numéricas.

A pesquisa qualitativa faz-se presente nesse trabalho por ser um instrumento que possibilita entender um fenômeno social, pensando sobre a diversidade no tocante das abordagens sobre segregação em que há na saga em reflexão, permitindo ao pesquisador um contato prolongado com seu objeto de pesquisa, ainda mais quando se trata de análise sociológica de uma obra literária, estabelecendo uma relação entre a arte e os acontecimentos sociais.

Para a coleta de dados, partiremos de um estudo de caráter teórico abrangendo a uma revisão bibliográfica, a fim de estudar com cuidado e dedicação as colaborações pertinentes

que a obra nos traz. Gil (2012, 44) descreve que pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” e acrescenta que: “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Ainda sobre este tipo de pesquisa, Lakatos e Marconi (2013) afirma que seu objetivo é permitir ao pesquisador um contato direto com o que já foi escrito, filmado ou estudado sobre determinado assunto. Estudar teorias publicadas não faz da pesquisa bibliográfica uma repetição do que já foi estudado, mas possibilita uma reflexão sobre um assunto com outra visão, uma nova abordagem e interpretação dos fatos.

O estudo teórico partiu de uma análise dos sete livros da saga Harry Potter, escrita pela autora J.K. Rowling. A obra foi analisada em uma perspectiva sociológica, que mostra, a partir da ficção, fatos, principalmente preconceituosos, que estão entrelaçados com nossa realidade. Assim, tecemos uma reflexão sobre a narrativa fictícia acerca dos temas que englobam a diversidade e a discriminação, a ponto de refletir sobre a possibilidade de escolas de o nosso mundo vir atender às diversidades, de forma a incluir a todos sem algum tipo de exclusão.

Nesse enalço, nos apoiamos nas contribuições dos estudos de autores como: Giddens (2005), Bourdieu (1989), Abramovay (2002), Durkheim (2011), Meksenas (1988), Albuquerque júnior (2016), entre outros. As contribuições eleitas são fundamentais para elucidação do problema que foi levantado, e conseqüentemente toda a discussão desse trabalho. Sendo assim, essa pesquisa está dividida em três capítulos, além da introdução e considerações finais.

Na introdução abrangemos a temática, apresentando e justificando a nossa motivação, mostrando os problemas e objetivos, justificando nossa aproximação com a temática, expomos os principais teóricos que vieram a subsidiar esse estudo, além da descrição do processo metodológico.

No primeiro capítulo **Sobre o preconceito: alguns apontamentos**, apresentaremos algumas notas teóricas, procurando sondar o conceito de eugenia através de concepções de estudiosos que defendiam essa ideia, além do marco histórico, as marcas deixadas na sociedade através da discriminação, enfatizando o racismo e as leis que foram decretadas para a inclusão do povo negro no espaço social como sujeitos sociais, históricos e de direitos que são, bem como os paradigmas sociológicos, do consenso e do conflito, a fim de discutir a escola como reprodutora social.

O segundo capítulo, **eugenia em Hogwarts: marcas e consequências**, destina-se à compreensão do contexto da saga literária “Harry Potter”, para isso descreveremos a série e seus elementos essenciais com o propósito de destacar as marcas eugênicas presentes na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts* e seus efeitos nas relações sociais.

Refletiremos sobre as cicatrizes sociais do preconceito no terceiro capítulo, **os caminhos para uma escola das diversidades**, discutindo a escola com base nos dois paradigmas sociológicos em estudo, as cicatrizes estabelecidas nos personagens da história em análise e ampliando nosso olhar para os elementos da nossa realidade em busca de uma perspectiva de escola que acolha as diversidades.

Por fim, apresentamos as **Considerações Finais**, na qual vêm pontuar os achados do estudo realizado, bem como o problema que usamos para essa investigação e seus objetivos. Realizamos uma reflexão sobre as análises dos resultados, assim como, reconhecemos a importância desse trabalho para o seio social e como ela torna-se um trabalho inacabado. Adiante, seguiremos como as primeiras reflexões.



CAPITULO I – SOBRE O PRECONCEITO: ALGUNS APONTAMENTOS

Neste capítulo apresentamos os tipos de preconceitos enfrentados por muitos em nossa sociedade, que apesar dos avanços que tivemos, principalmente tecnológico, dos quais aproximaram pessoas e até mesmo as nações, não serviram para diminuir a fronteira do preconceito, ainda bastante presente no nosso contexto histórico. Inicialmente tratamos de conceituar a eugenia, alvo de discussão por muitos estudiosos que a defendem como forma de higienizar a sociedade de pessoas que possam retardar o crescimento social de um lugar. Posteriormente, abordamos sobre quais as discriminações ocorrem na sociedade e suas marcas, além de refletir sobre os paradigmas sociológicos que se relacionam com as questões discutidas.

1.1 Algumas notas conceituais

A discussão sobre diversidades nas escolas é bastante pertinente nos dias de hoje, pois como percebemos, nossa sociedade é composta por diversos grupos étnicos, com cultura e costumes distintos, além de suas ideologias, que, em muitos casos, se controvertem. Por essas razões, algumas etnias acabam por se acharem superiores a outras e, por isso, excluindo-as. Um exemplo válido aqui são as questões raciais, nas quais, em muitas situações, os brancos sentem-se superiores aos negros.

Com a globalização e as mudanças que ocorreram na sociedade, torna-se mais possível o contato com as mais distintas culturas, a aproximação entre as pessoas é mais viável, no entanto, mesmo com toda a modernização, a intolerância entre as diferenças é um problema incessante na sociedade. Desse modo essa discussão torna-se cada dia mais válida.

Estudiosos, por muito tempo, procuraram comprovar as superioridades entre povos, classificando os seres humanos de acordo com sua cor e suas características, defendendo a eugenia e a purificação de raças, a fim de reafirmar a soberania de uma “progênie” sobre outra. Esses adeptos ao movimento eugênico passaram a empregar o conceito de raça a partir de seus princípios e crenças.

Esse movimento, consolidado no continente europeu e posteriormente adentrando aos Estados Unidos, se tornou referência devido aos seus estudos teóricos e científicos concretizados. Contudo, afeiçoa-se ao movimento conservador, do qual via nessa corrente uma maneira de resolver as questões sociais, usando dessas ideologias para a perseguição e exclusão, principalmente dos negros, pobres, e outras minorias.

O precursor desses estudos foi Francis Galton (1822-1911), que em suas pesquisas “disponibiliza as bases teóricas para a compreensão das gerações hereditárias a encontrar a solução para melhorar as características do conjunto da população” (GÓES, 2015, p.37), defendia que a melhor condição do homem estava em sanar os degenerados da sociedade, construindo o conceito de eugenia, a que definia “os bens nascidos”. “A eugenia seria o estudo para o melhor cultivo da raça” (idem, 2015, p.38). Entretanto, “o ideário eugênico implicaria em práticas sociais que viriam a se constituir em políticas públicas cujo objetivo expresso seria “melhorar a raça” e, ao mesmo tempo, impedir a degeneração da mesma” (MACIEL, 1999, p. 122). Esses estudos levaram à massificação do racismo e aversão ao diferente.

No Brasil, esse desenho toma fôlego com Renato Kehl, no final da década de 1910 até início da década de 20, quando “[...] era evidente a atuação e a produção intelectual do movimento sanitarista que [...] deslocava o argumento da raça para a higiene e para a educação” (SCHWARCZ, 1999, p. 275). Objetivando, com esse pensamento, a solução para problemas sociais provenientes do fortalecimento da República, “[...] verificamos que seus empreendimentos científicos tinham como finalidade intervir e transformar a realidade brasileira a partir da sua concepção higienista de sociedade” (GÓES, 2015, p.97), reunindo médicos, advogados e todos os que acreditavam nos princípios eugênicos.

A formação da população brasileira passou e passa por processos múltiplos e diversos de integração de povos e culturas, logo, constituímos-nos um povo rico em diversidades. Além desse fato, temos elementos históricos de (re) produção das diferenças e ou desigualdades sociais. Esse perfil de povo chama atenção e acaba trazendo incômodos para aquelas pessoas que defendem políticas higienistas e de homogeneização de raças, dentre outras situações de discriminação e preconceito. Assim, nas palavras de Kern, (2013, p. 5) podemos identificar que “a eugenia localmente produzida tomou contornos de estratégia para a gestão de uma população vista como racialmente mestiça e degenerada, portanto, considerada despreparada para a tarefa de contribuir verdadeiramente para o progresso nacional”.

Estudiosos brasileiros defendiam que deveria haver um controle de hereditariedade, já que, segundo o pensamento eugênico, as características eram herdadas, por isso defendiam a regeneração e melhoria da raça, além de postulados de uma “arianização do povo brasileiro” com o cruzamento de pessoas brancas (KERN, 2013).

A propagação do racismo, segundo Giddens é influenciada pelas ideias de Gobineau, sendo denominado de “pai do racismo moderno”. Esse estudioso percebia que “[...] a raça branca possui inteligência, moralidade e força de vontade superior, [...] os negros, em

contraste, são os menos capazes, marcados pela natureza animal, uma falta de moralidade e instabilidade emocional” (GIDDENS, 2001, p.205). As ideias desse estudioso inspiraram um dos maiores genocidas, Adolf Hitler, que enalteceu suas convicções de que pessoas nascidas brancas eram superiores às negras, usando dessas ideologias para fundar o partido nazista. Outra questão apoiada nesse princípio diz respeito ao *apartheid*, que tinha como propósito a segregação do povo negro.

Porém, Giddens (2001) afirma que é pouco provável que os seres humanos possam ser selecionados por raças biologicamente distintas entre si. Que esse conceito já vem sendo desconsiderado pelo fato de que os seres humanos apresentam “[...] uma gama de variações físicas” e que “[...] as diferenças de tipo físico dos seres humanos surgem da procriação consanguínea da população, que varia com o grau de contato existente entre diferentes grupos sociais ou culturais” (idem, 2001, p.205).

O autor citado acima, ainda acredita que muitos dos conflitos sociais advêm das divisões étnicas e sociais, vinculadas ao fato de que muitos grupos e classes acabam estereotipados como se fossem diferentes biologicamente dos outros, ou simplesmente inferiores, baseando-se apenas em características físicas.

Muitas vezes, essa hierarquização entre povos, favorece o sentimento de superioridade e isso acontece devido aos padrões que a sociedade passa a utilizar. Para ser aceito é preciso que estejamos nos “moldes” sociais, e a cor ou posição social conta bastante, pobres e negros, são taxados assim como inferiores, acontecendo a distinção entre pessoas e grupos sociais, esses são “[...] fatores importantes na reprodução de padrões de poder e de desigualdade dentro da sociedade” (GIDDENS, 2001, p.205).

No Brasil o termo “raça” é usado como forma de exclusão, hierarquizando e classificando os negros dos não negros, usando dessa designação como delimitação de espaços, ocorrendo a segregação com o menosprezo desses indivíduos, disseminando assim o preconceito e discriminação.

Mesmo com a comprovação de que não há características nos genes humanos capaz de separar as pessoas em raças distintas, o que diferenciam umas das outras são traços, esses conceitos eugênicos estando em decadência, é comum encontrar na sociedade quem defenda esse movimento, o qual deixou vestígios no senso comum alcançando ações discriminatórias no nosso cotidiano.

A cor da pele, a “raça” de uma pessoa não são os únicos traços que marcam o preconceito, visto que essa ação é efetivada por inúmeras razões, basta não seguir o padrão de “homem perfeito” que já acontece à exclusão. Quando uma pessoa não atende aquilo que a

sociedade espera é deixada de lado, construindo nele um perfil a temer, gerando assim o fenômeno *Bullyng*, que diz respeito às “[...] atitudes hostis, agressivas e mesmo violentas que ocorrem sistematicamente nas relações interpessoais [...]” (OLIVEIRA, 2015, p.2), afetando principalmente aqueles que não cumprem com a maneira de se comportar, de se vestir e até de agir.

Seguindo o pensamento desse autor, entendemos que “o bullying compromete a socialização, que pode ser entendida como um processo que implica a assimilação da cultura, dos valores, dos hábitos, das crenças do grupo em que o sujeito está inserido” (idem, 2015, p.3), a vítima desse fenômeno passa a não se sentir pertencente àquele ambiente, pois sua presença incomoda, tendo a recuar isolando-se do grupo e sofrendo as consequências dessa violência.

Outra questão de discriminação que vale aqui ressaltar diz respeito ao fator social, classe ou grupo social, em que as pessoas convivem, pois, as diferenças sociais, muitas vezes, alimentam práticas discriminatórias, preconceituosas, logo, violentas. Esse fenômeno acontece principalmente, ou quase sempre em relação aos que possuem uma classe social menos favorecida. Além da discriminação que os acerbam, ainda são ditos como responsáveis por viverem em condições desvantajosas, que vivem às margens da sociedade e marcados por “[...] diversas circunstâncias perversas, como a fome, situações de violência, problemas com alcoolismo e drogas, situações de abandono, entre outro” (SANTOS, 2008, p. 32).

Dentre esses exercícios, a marginalização também provoca cicatrizes pessoais e sociais. Nesse estudo, é tomada para retratar situações de diferenciação social que conferem privilégio para alguns grupos em detrimento da exprobração, dominação, criminalização e desprivilegio dos “marginalizados”, tal como empregado por Coelho (1978) e Paixão (1990). A dominação de uma classe sobre outra, denominada por Bourdieu (1989) como poder simbólico, constituindo-se como um tipo de violência que exclui e segrega outras pessoas devido a sua condição social.

Essa diferenciação promove a edificação da hierarquia entre grupos ou classes sociais, ou seja, a superioridade de um grupo, em contraposição à inferioridade de outro, fato que legitima a manutenção de privilégios materiais/econômicos e/ou status/simbólicos. Nessa raia, considerando o contexto social brasileiro, por exemplo, temos que a estigmatização, marginalização e criminalização criam estereótipos de criminosos, que geralmente envolve ser pobre e negro, morar na periferia, pertencer a determinado grupo.

Essas práticas são evidentes em nossa sociedade e a escola é vista como um lugar de possível desconstrução dessa idealização, pois é lá que se busca apoio para a quebra dessas

práticas, desde que nela seja possível acolher as diversidades de forma com respeito e valorização das diferenças. Contudo, é importante discutir a escola e suas práticas educativas, uma vez que ela também se constitui em espaço de (re) produção de contextos violentos e de predomínio de situações de racismo, preconceitos e outros. Abramovay (2002, p. 74)) conceitua a violência, dentre outros elementos, enquanto uma perspectiva denominada de:

Violência Simbólica: Verbal - abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade; Institucional – marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder.

Seguindo essa trilha de conceitos, partiremos agora para uma apresentação do contexto histórico referente às discriminações étnicas raciais que negros e pobres têm sofrido na nossa sociedade, na instituição escolar enquanto disseminadora da cultura e grupo social que tem como função a sistematização da educação.

1.2 Enlaces sociais e suas marcas

As questões eugênicas sejam de classe ou raciais perduram na nossa sociedade desde tempos remotos, quando a representatividade daqueles ditos como minoria, negros, pobres, mulheres, deficientes físicos ou mentais, era quase que inexistente. Esses eram vistos descartáveis sociais, pois o pertencimento social esteve e está ligado ao atendimento dos padrões impostos.

Encontramos em nossa sociedade uma pluralidade étnica e racial resultante e promotora de uma miscigenação plural, desde o período de colonização quando aconteceu a reunião em nossas terras de portugueses, índios nativos e negros africanos. Esse encontro de culturas e diversidades alicerçou a constituiu o povo brasileiro. No entanto, o preconceito atribuído às minorias, principalmente negra, dada sua condição de escravização em terras brasileiras por mais de três séculos, está enraizado na “[...] inferioridade do afrodescendente em relação ao euro descendente, que se repete até os dias de hoje” (ABREU, 2014).

Nossas marcas históricas, então entrelaçadas a esse contexto histórico, visto que a participação do negro é evidente na nossa construção social. Todavia, tanto esse, como os advindos de classe social inferior, são culpados pelos problemas sociais que enfrentam, como se suas condições fossem o resultado de serem como são, sendo esses taxados discriminadamente pela sociedade, tornando-os inferiores. É preciso racionalizar o conflito compreender que de fato “[...] o racismo é um problema de todos nós, brasileiros. Não deve

ser tratado como um assunto não fundamental, pertencente somente aos brasileiros afrodescendentes” (ROCHA; BATISTA; BOAKARI, 2013, p. 184, apud ABREU, 2014, p. 54).

Chegando ao Brasil como mão de obra para a produção e exploração, o negro era visto como um ser indigno de possuir qualquer direito sendo tratado da maneira mais desumana possível, sem qualquer respeito pela sua cultura e suas diferenças. Retirados, forçadamente, de sua terra mãe para passar a viver uma cultura diferente da sua, nesse sentido, o negro foi marcado pelo preconceito que “[...] através de várias gerações, foram identificados e tratados como quase gente, de forma sempre negativa em todos os planos” (CONCEIÇÃO, 2010, p.3), desmerecedor da liberdade e de progresso social. Pois nas camadas populares não era seu lugar.

O pouco direito alcançado pela população negra foi conquistado com lutas incessantes, pois mesmo encontrando-se aprisionados aos propósitos dos homens brancos, o povo negro procurou, em diversas formas, demonstrar suas manifestações contra o preconceito e a superação da violência em que viviam. Gomes (2011, p. 111) relata que essa luta tem marco “[...] com os quilombos, os abortos, os assassinatos de senhores nos tempos da escravidão, tem ativa participação na luta abolicionista e adentra os tempos da república com as organizações políticas, as associações, a imprensa negra, entre outros”. Séculos à frente são criados os Movimentos Negros e as Leis contra preconceito racial que os asseguram o direito de viverem de acordo sua cultura.

Após deixar a senzala, considerado “livre” das mãos dos homens brancos, o negro passou a lutar por direito à inserção na sociedade e à educação, uma luta que perdura até os dias atuais, pois mesmo conquistando sua liberdade, a dificuldade para um negro conviver em nossa sociedade é notória. Esse é atingido pela discriminação constantemente, na escola, no parque, no cinema, no trabalho, na sociedade como um todo.

Nessa trilha, encontramos no artigo 1º da Declaração de Direitos Humanos um resumo das orientações que resguardam o direito de cada pessoa ser aceito em suas particularidades, sem que haja desigualdade ou exclusão a qualquer ser humano, nesse é mencionado que: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”, (ONU, 1948, p. 2).

Além disso, outras leis foram elaboradas com o objetivo de amparar pessoas negras, para que preconceitos que são direcionados a elas fossem erradicados da sociedade, ou pelo menos unidos, para que o povo negro possam usufruir dos mesmos direitos que os brancos.

Entre as mais significativas está a LEI Nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989, conhecida também como Lei CAÒ, que “Define os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor” (BRASIL, 1989, p. 1), repreendendo, assim, a discriminação racial. Como também a Lei 12.288, de 20 de julho de 2010, que em seu Artigo 1º, determina o Estatuto da Igualdade Racial, que é “[...] destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica” (BRASIL, 2010, p.1).

Seguindo esse encaixo, é importante mencionar as leis que foram implementadas no contexto escolar, a fim de que, conhecendo a história da vida e da luta do povo negro no país, venha promover atitudes de respeito pela pluralidade que há em nossa sociedade, exemplo a se citar está na Lei 10.639/03 de 9 de janeiro de 2003, que objetiva novas diretrizes curriculares que possibilite o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, propondo aos professores que ressaltem a participação dos negros na formação da sociedade brasileira, além de sua contribuição cultural e suas lutas, considerando então sua religião, seus costumes.

Vemos nisso, que em nossa sociedade os vestígios do preconceito, da aversão ao diferente, ao que contrapõe aos padrões vigentes, precisam de leis para que pessoas negras, pobres ou outras minorias, possam ter seus direitos protegidos, pois somos advindos de uma cultura, que mesmo negando, traz consigo a repulsão ao estranho, ao que foge paradigmas criados para definir o modelo de pessoa perfeita, pois “[...] mesmo sabendo que historicamente os brasileiros têm evitado expressar abertamente o preconceito racial, os brancos permanecem com favoritismos no acesso às oportunidades sociais” (LINS, 2010, p. 34), isso é proveniente de uma cultura que distingue pessoas conforme sua cor.

Sobre essa concepção percebemos que as questões de preconceito não são advindas somente do comportamento individual, mas como também do coletivo no qual estão inseridos (LINS, 2010), visto que ao ter contato com o diferente, muitas vezes há a repreensão, a recriminação, impulsionando ações que vêm a reprimir alguém, e esses motivos de ofensas acabam por serem “[...] racionalizados e projetados nas vítimas do preconceito, que então passam a serem consideradas sujas, promíscuas, inferiores etc.” (BUENO, 2013, p. 326).

Por muito tempo, mesmo no mundo real, muitas pessoas foram caçadas e torturadas, em sua maioria mulheres, as que viviam sozinhas em casebres eram acusadas de praticarem “feitiços”, simpatias e taxadas pejorativamente de bruxas, esses acontecimentos predominantes da Idade Média tinham como pressuposto para a Igreja Católica manter-se no poder, “[...] resgatando sua autoridade, que parece ameaçada à medida que a sociedade

burguesa se desenvolve” (FREIRE e SOBRINHO, 2006, p. 54). Nesse contexto, foram criadas leis para a criminalização de práticas de bruxaria. Essa aberração aconteceu porque não havia conhecimento sobre o modo de viver dessas pessoas e movida pela ignorância e crença radical a sociedade acabou dizimando grupos através das mais distintas e cruéis formas de violência. Essas práticas exilavam as pessoas do convívio social obrigando-as a se isolarem, fugir e viver às escondidas.

Na contemporaneidade, as fogueiras são outras, via de regra são simbólicas, mas são igualmente devastadoras, as violências são manifestadas de outras formas de anulação do diferente, contudo, as cicatrizes do preconceito e da marginalização das pessoas são individuais, atravessam vidas e sonhos, e sociais, estigmatizam e excluem grupos.

Na contramão dos avanços científicos e tecnológicos do novo século, temos a disseminação de ódio ao diferente, rejeição, exclusão, preconceito, dentre as violências sociais (re) produzidas e legitimadas pelo silêncio, pela negação, estranhamento e anulação do outro. Assim, “[...] o medo do diferente, daquele que não se encaixa nos padrões da normalidade econômica e cultural, tem como consequência principal o aumento da própria violência contra estas pessoas” (BAIREL; ALMENDRA, 2007, p. 272).

A diversidade e as relações étnico-raciais atravessam as interações sociais em suas diversas instâncias estabelecendo-se entre pessoas de variados grupos sociais. Vale enfatizar a necessidade de reconhecimento da pluralidade cultural enquanto potencializadora da formação identitária de nosso povo, mas percorrendo elementos da história brasileira temos que os investimentos para anular essas diversidades foram muitos e intensos, desde a dizimação de índios à repressão das manifestações culturais africanas, incluindo, ainda, a repressão cultural aos povos imigrantes.

Percebemos, nessa exposição, que o Brasil é plural e desigual, ao tempo em que suas culturas, línguas e povos coexistem tem-se uma assimetria historicamente instituída entre diferentes grupos, desde longa data silenciados, excluídos e discriminados.

Imbricados nos conceitos de raça, etnia e racismo, encontra-se o preconceito racial, a discriminação racial e a segregação, que são maneiras de expressar o racismo e correspondem a diferentes graus de violência. Porém, o preconceito é a forma mais comum e frequente porque envolve um sentimento ou uma ideia, onde se faz presente uma visão congelada, estereotipada de características individuais ou grupais que correspondem a valores negativos (LIMA, 2008, p. 35).

O preconceito assim como a hierarquização das classificações sociais, raciais, de gênero, dentre outras tem como consequência a desigualdade, ou seja, o abandono da ideia de

que cada pessoa é única, múltipla e diversa, uma vez que participa de variados encontros culturais. Por outro lado, costuramos que as demandas de transformação social em busca de panorama justo, democrático e igualitário gritam nos meios e nas instituições. Não há como negar a existência das diferenças e das pluralidades, logo, faz-se necessário uma caminhada coletiva em busca da colaboração e do respeito às diversidades.

A seguir pautamos algumas linhas sobre perspectivas sociais na visão dos paradigmas sociológicos do consenso e do conflito, cujas abordagens subsidiam a discussão sobre uma sociedade excludente que pode ser transformada na construção de uma sociedade plural e democrática, enunciando a escola enquanto uma instituição de intermediação desse propósito.

1.3 Sobre os paradigmas sociológicos: a escola e a (re) produção social

A escola enquanto instituição social sobrevive envolvida pela demanda que se sustenta pelo sistema político, social e econômico da sociedade na qual encontra-se submetida. Muitos autores, principalmente sociólogos, procuraram mostrar que a escola e o seu sistema de ensino é usada como meio para que os paradigmas sociais sejam preservados, muitas vezes excluindo os diferentes e anulando o que for incomum, por um lado reforçando a manutenção de valores já integrados na sociedade que “[...] constituía uma das formas pelas quais se realizavam as relações de exploração, antagonismo e alienação” (OLIVEIRA, 2001, p. 61), enquanto de outra parte visa à igualdade entre os participantes de uma sociedade.

A esse propósito, existem duas formas de perceber a construção da escola enquanto instituição social, que irá se enquadrar aos paradigmas sociológicos, justificando a forma de perceber a relação entre indivíduo e sociedade. Uma é uma escola que propõe homogeneizar as pessoas, padronizando-as, encaixando-se no paradigma do consenso sustentando no princípio da concordância social e que nas palavras de Oliveira (2001, p. 48) “[...] se caracteriza pela coesão entre membros da sociedade, que resulta da eficácia dos mecanismos sociais, cuja finalidade é garantir a assimilação de valores, a cooperação, a socialização e o controle social”; outra é a formação de uma escola democrática que pretende incluir as diversidades, acolhendo as diferenças, ideias que são inseridas no paradigma sociológico do conflito.

O paradigma do consenso está enraizado na teoria positivista criada pelo filósofo Augusto Comte que acreditava numa estabilidade social, postulando que igualando os costumes e valores sociais, além da divisão de trabalho seria uma maneira de constituir a solidariedade e harmonia entre os homens, pois para ele era “[...] imprescindível estabelecer a

coesão e o equilíbrio na sociedade e restabelecer a ordem nas ideias e nos conhecimentos para criar um conjunto de crenças comuns a todos os homens” (OLIVEIRA, 2001, p. 50), formando assim uma sociedade homogênea.

Ainda seguindo a trilha desse paradigma, encontramos a teoria funcionalista, estruturada por Talcott Parsons, representante da teoria estrutural-funcional, defendendo a conjunção da sociedade que vem a assegurar a estabilidade e solidariedade (GIDDENS, 2001), mantendo assim a ordem. Ainda nas concepções de Parsons, “[...] a sociedade é um todo em funcionamento, concentrando-se em torno das instituições, das suas formações culturais, e ela envolve símbolos e valores, na complexidade de sua estrutura e organização” (OLIVEIRA, 2001, p. 53). Além desse, outro estudioso assegura essa teoria, trata-se de Émile Durkheim, um dos percursores do funcionalismo moderno postula a ideia de uma sociedade equilibrada logo, “[...] a organização social só é possível mediante o consenso ou a consciência coletiva, e a harmonia na sociedade inicia-se com solidariedade e com as regras morais estabelecidas pelos indivíduos, a partir do momento em que existem valores compartilhados com todos” (OLIVEIRA, 2001, p. 59). A escola, por sua vez seria responsável pela reprodução dos valores vigentes na sociedade em que estava fincada.

Contrapondo as ideias Positivistas, Karl Marx, filósofo alemão, salienta que essa teoria sustenta as relações de exploração, antagonismo e a alienação das pessoas, umas subordinando as outras e a desigualdade social (OLIVEIRA, 2001), trazendo consigo o paradigma do conflito, que “[...] é um processo dissociativo que altera as relações entre indivíduos e grupos, no seio da sociedade ou entre sociedades, onde uns estabelecem a dominação sobre outra, enfatizando as tensões e oposições” (IDEM, 2001, p.49).

Nesse sentido, a partir dos estudos sobre a exploração dos proletariados pelos proprietários burgueses estabelece que a luta de classes e a desarmonia social são a verdadeira realidade da sociedade capitalista, sendo assim não seria possível uma harmonia e ordem enquanto houvesse essa exploração, que dão bases para a organização do trabalho e com isso às classes sociais, gerando, assim, o conflito entre elas. Integrando essa teoria à educação, esse paradigma compreende a escola como instituição que estabelece valores gerando conflito entre professores e alunos, o professor sendo visto como aquele que representa a cultura dominante, possuindo uma linguagem distinta e valores oposto aos dos alunos.

Outro representante desse paradigma é Max Weber, que em suas concepções dispõe da subjetividade humana, a ação do homem no meio social. Assim, esse autor “ênfatiza a necessidade de compreender as ações, as intenções e as motivações que os próprios indivíduos vivenciam [...]” (OLIVEIRA, 2001, p.66). A sociedade é então uma soma das

relações interpessoais. Weber defende ainda que os fatores sociais sejam algo em si, pois, “[...] os valores são socializados e internalizados de formas diferentes, dependendo da relação do indivíduo com o meio social” (SILVA E AMORIM, 2012, p. 2). Levando em conta a educação, é importante formar o aluno com a capacidade de despertar a sensibilidade com o próximo, prepará-lo para a vida em sociedade e conduzir os conhecimentos especializados para formação de pessoas que o capital necessita.

Partindo dessas concepções, percebemos o quanto a escola enquanto instituição educativa é importante na (re) produção social, podendo essa inserir o homem no contexto em que convive e disseminar valores provenientes de nossa sociedade. Nesse bojo, Souza (2013, p.16), indica que: “As instituições sociais são assim, entes indispensáveis para o funcionamento da sociedade à medida que, por meio de sua organização, inserem os indivíduos no mundo da linguagem, da cultura e da produção”. Essa inserção acontece conforme a necessidade de cada sociedade, havendo regulamento dos comportamentos dos indivíduos.

Com o processo acelerado da globalização, a modernização toma de conta das relações sociais, também, do contexto escolar. Nesse emaranhado de transformações é preciso que essa instituição passe a revestir-se de novas funções, de modo a atender as demandas contemporâneas que transformam os cenários e os sujeitos sociais de forma mútua, mas que tem sua atuação delimitada por ideologias dominantes.

Conforme o ponto de vista de Durkheim a função social da escola decorre das relações com outras instituições, que se modifica para atender as transformações sociais e que essa tem o objetivo de preparar as gerações posteriores, a partir da educação que promove, do seu ponto de vista,

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem objetivo de suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular (2001, p.54).

Ainda seguindo as ideias desse autor é através da educação que o ser humano se torna um ser social, nesse sentido, “[...] a função da educação como instituição social é preparar o indivíduo para viver em grupo, forçando-o por meio de mecanismos que insinuam uma aprovação coletiva” (SOUZA, 2013, p. 29), desse modo, viver socialmente implica relacionar-se com o outro no diálogo e no respeito.

Nessa empreita, Durkheim reflete sobre a consciência coletiva que resulta no interesse grupal de exceder o individual, assim, a consciência plural irá agir sobre o indivíduo de forma coativa, exercendo autoridade sobre a maneira de comportar-se na sociedade, por isso será determinado “as regras sociais” que já existem muito antes do sujeito nascer, criadas por seus ancestrais (MEKSENAS, 1988). Na contramão desses postulados, a fuga a essas regras, leva a sociedade ao caos.

O funcionamento da escola enquanto instituição capaz de (re) produzir socialmente valores, costumes e ideologias, deve ampliar-se na busca dos caminhos para a construção de uma escola democrática que possa acolher as diversidades, tendo em vista as prerrogativas de um povo que é plural, múltiplo e diverso.

Com base nisso, a globalização cultural nos convida a buscar inovações no seio escolar, não cabendo em muitos momentos o tradicionalismo que era vigente em nossas salas de aulas. Essa é uma demanda decorrente da pluralidade do contexto e das pessoas que se envolvem com ele. É necessário a lapidação de uma escola democrática, para que seus partícipes sejam envolvidos de maneira também plural no seu desenvolvimento, visto que “[...] a sua construção não pode ser individual, mas sim, coletiva, envolvendo os diversos atores na discussão e na tomada de decisões, sempre respeitando as diferenças” (DELATORRE, 2012, p. 12).

Consoante a essa conjuntura, a educação que busca por uma gestão democrática e participativa, que venha integrar a todos, sem distinção ou exclusão, formando pessoas dispostas a acolher as diferenças. Uma escola em que a cultura negra seja enaltecida e o aluno negro sinta-se integrada a ela, assim também como aqueles provenientes de uma classe social menos favorecida. É indiscutível reconhecer que o desenvolvimento da escola não dependa da origem social dos alunos, levando em conta apenas suas capacidades individuais, isso acarreta “competição justa” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002).

Nesse percurso, Bourdieu propõe uma nova interpretação para escola enquanto instituição social, acontecendo, o que Nogueira e Nogueira (2002, p.17) colocam como “verdadeira revolução científica”, que vem contradizer tudo o que é pregado por essa vertente anterior, indicando a relação entre escola e sociedade. Ele passa a ver as concepções funcionalistas como uma forma de reproduzir e validar as desigualdades sociais, portanto,

[...] a educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p.17).

Nesse estudo tomamos os vestígios teóricos dos estudos de Bourdieu, buscando refletir sobre a escola como uma instituição que se envolve ao envolver a sociedade em seus diversos aspectos, onde a distinção entre as pessoas não ocorra e nesse âmbito possa se construir atitudes que venha a calhar com as necessidades provenientes de uma sociedade que vive em constante construção e transformação, que requer de nós, uma adaptação viável e que nesse aspecto possa incorporar todo tipo de pessoas, sem preconceito, discriminação ou distinção devido suas diferenças e necessidades.

O próximo capítulo identifica as marcas eugênicas existentes na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*, como são abordados os tipos de preconceitos na escrita da autora, para que posteriormente haja a reflexões relacionando-as ao mundo real.



CAPÍTULO II – EUGENIA EM HOGWARTS

Neste capítulo apresentamos as marcas eugênicas presentes na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*, realizando esse apanhado através da descrição dos sete livros da saga, para melhor entendermos o contexto em que se passa a história do garoto que sobreviveu e os traços que evidenciam o preconceito e discriminação das minorias que acontece no mundo da magia, mas que também atravessam o mundo real, para que mais adiante possamos comparar essas duas realidades.

2.1 As Marcas da eugenia em Hogwarts

Na saga Harry Potter, escrita pela autora britânica J.K Rowling, podemos ter o contato com uma crítica que, por muitos autores vêm sendo tratada, são as questões de exclusão e preconceito por algo ou alguém que é diferente do que costuma ser comum ou padrão. Muitos estudos usam a literatura como forma de abordar aspecto da sociedade que precisam ser refletidos. Nesse sentido, a autora molda a sociedade bruxa assemelhando-a da nossa sociedade atual, onde há o preconceito, e como as pessoas reagem quando seus padrões são infringidos.

Inicialmente, a articulista nos apresenta a história do “menino que sobreviveu”, abordando as dificuldades que ele encontrou na convivência com seus tios maternos, após a morte de seus pais, como a família o tratava, como foi descobrir e se adentrar ao mundo completamente diferente do que era acostumado a viver quando ele passou a frequentar a *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*.

J.K. Rowling apresenta na saga *Harry Potter*, escrita em sete volumes de uma história fictícia, implícita e explicitamente, os preconceitos, a discriminação, a exclusão entre as pessoas, a estranheza entre as diferenças. Trata-se de uma narrativa sobre a vida e o mundo de Harry Potter, um garoto que ficou famoso por ser o único bruxo a sobreviver a uma maldição da morte, *Avada Kedavra*, quando ele ainda era bebê, lançada por um bruxo das trevas bastante temido por sua crueldade e ganância pelo poder, Lord Voldemort¹.

Titulado *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o primeiro livro da saga, conta a história da infância conturbada de um garoto bruxo, que até os seus onze anos desconhecia sua verdadeira identidade. Após a morte de seus pais, Harry foi levado para casa de seus tios

¹ Assume a identidade como Lord Voldemort, Tom Marvolo Riddle, se auto intitulou lorde das trevas após reunir seguidores, os “Comensais da Morte”, para colocar em prática seus planos de fazer da sociedade bruxa de puro sangue, exterminando, assim, os trouxas.

maternos (parentes mais próximos do garoto), Valter e Petúnia Dursley com quem passou a conviver, além de seu primo Duda, filho do casal.

No decorrer do livro, a escritora expõe sobre os primeiros acontecimentos do mundo bruxo, o preconceito que os ditos *trouxas* tinham para com esses, que, como explica Hagrid, o meio gigante e ainda guarda-caça da escola, “trouxa é como chamamos gente que não é mágica como nós” (ROWLING, 2000, p. 43), tendo que viver às escondidas por não serem aceitos pelas pessoas ditas normais, como é apresentado no livro “Ia ser uma graça se, no próprio dia em que Você-Sabe-Quem parece ter finalmente ido embora, os trouxas descobrissem a nossa existência” (ROWLING, 2000, p. 13).

Nesse volume conta-se que Harry teve os pais (Tiago Potter e Lilian Potter, dois bruxos bem renomados na sua época) assassinados em 31 de outubro de 1981, quando tinha apenas um ano. Esse fato ocorreu na *Primeira Guerra Bruxa* que foi a rebelião causada por Voldemort e seus seguidores, “comensais da morte”, que aterrorizaram os *trouxas* e os bruxos, opondo-se também ao *Ministério da Magia* (principal órgão do governo do mundo bruxo da Grã-Bretanha) e a *Ordem da Fênix* (organização fundada pelo diretor da escola de Hogwarts, Alvo Dumbledore), a motivação para o assassinato foi devido a uma profecia anunciada pela Sibila Trelawney², posteriormente professora de *Adivinhação* em Hogwarts. Ao descobri-la, Voldemort vai à procura do garoto para tentar matá-lo, no entanto, acaba aniquilando seus pais, assim, ao matar Lilian Potter, ela passa uma proteção para o filho impossibilitando o bruxo de cumprir com seu objetivo. Essa proteção estendeu-se por dezessete anos, enquanto Harry esteve na casa dos seus tios, o único vínculo familiar que lhe restou.

Levado por Hagrid à Rua dos Alfeneiros Nº 4, fora destinado a viver com seus tios, levando uma infância difícil e de rejeições, dormindo em um armário em baixo da escada dos Dursley e vestindo as roupas velhas do seu primo Duda, que eram quatro vezes maior que o número dele, deixando-o mais magro que o normal. Harry Potter foi criado por sua tia Petúnia (irmã mais velha de sua mãe) e seu tio Valter, que tinham um único filho, o Duda. Esses abominavam a ideia de que em sua família havia bruxos, “[...] se orgulhavam de dizer que eram perfeitamente normais, muito bem, obrigado. Eram as últimas pessoas no mundo que se esperaria que se metessem em alguma coisa estranha ou misteriosa, porque simplesmente não

² “Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês... e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das Trevas desconhece... e um dos dois deverá morrer na mão do outro, pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar...” (ROWLING, 2003, p. 680).

compactuavam com esse tipo de bobagem” (ROWLING, 2000, p. 7). Ficava bastante evidente o repúdio que os parentes do garoto tinham a sua condição, omitindo sobre as verdades em relação à morte dos seus pais, dizendo que esses morreram em um acidente de carro e apenas Harry sobrevivera.

O não aceitar a verdadeira condição do sobrinho vem muito mais a ser uma questão pessoal, pois Petúnia ao descobrir a ligação que a irmã (Lilian Evans) tinha com o mundo bruxo passa a desejar pertencê-lo também, mas por não ser aceita, passa a desprezar a irmã, não tolerando de modo algum a diferença que havia entre as duas e seu sobrinho. Da mesma forma era Valter Dursley, pois achava Tiago Potter esnobe e arrogante, ao descrever sobre suas regalias do mundo bruxo, assim, Valter nota as semelhanças entre Harry e seu pai e logo passa a detestar o garoto. “Os Dursley tinham tudo que queriam, mas tinham também um segredo, e seu maior receio era que alguém o descobrisse. Achavam que não iriam aguentar se alguém descobrisse a existência dos Potter” (ROWLING, 2000, p.7).

Devido sua real situação, o menino bruxo era tratado de maneira diferente por sua família, rejeitado e tendo sua identidade mantida em segredo pelos tios, cresceu isolado nos confins da casa sem conhecer sua história e sua origem. Nesse ponto percebemos logo o preconceito existente em relação aos bruxos, pois não pertencendo a esse mundo, os tios de Harry tratavam-no com inferioridade.

Mesmo tendo contato com outra criança, seu primo Duda, que era criado com todas as regalias e mimos, Harry cresceu sozinho. Em contrapartida, o pequeno Duda tornou-se uma criança mimada e indisciplinada. A educação do Harry era distinta, sofreu preconceito da sua própria família, sendo excluído e apontado como uma aberração. Era sempre apontado como o culpado pelos problemas domésticos, além do que seus tios tentavam, a todo custo, esconder e controlá-lo para que não descobrisse o que poderia fazer.

A falta de amor dos tios para com o garoto é bastante evidente na trama, isso fica evidente no episódio em que Harry foi ao zoológico com seus tios comemorar o aniversário de Duda. Algo curioso acontece ao se aborrecer com seu primo, o menino-bruxo acaba tirando o vidro do alojamento de uma cobra e prendendo Duda e um amigo, fazendo a cobra escapar. Desconfiado de que Harry teria usado magia, o Sr. Dursley acaba ficando furioso com o garoto e colocando-o de castigo. Era dessa forma que seus tios o tratavam todas às vezes, que por descuido e sem saber, usava magia. Sempre imaginando que, em algum lugar, havia algum parente, Harry vivia a sonhar no dia em que eles vinham buscá-lo.

Percebemos logo no início o preconceito existente em relação aos bruxos, pois os tios do Harry, sabendo da real condição do garoto, passam a esconder dele detalhes de sua herança

bruxa, deixando-o acreditar que era uma criança normal, criando o garoto conforme seus costumes. Além de esconder a verdadeira identidade, tratavam o garoto com indiferença, escondendo-o dos vizinhos, deixando claro que ele era perturbado, devido a isso precisava ficar o tempo todo em casa, podendo sair apenas na companhia dos tios, assim não corria o perigo dele usar magia e acabar se entregando.

Ao chegar uma carta de convocação para estudar na escola de Hogwarts, entregue por uma coruja, tio Valter tenta a todo preço impedir o garoto de recebê-la, algo que não conseguiu, pois apareceram muitas corujas insistindo na entrega. Cansado disso, os tios propuseram uma viagem para um lugar “[...] o que parecia ser um grande rochedo no meio do mar. Encarrapitado no alto do rochedo havia o casebre mais miserável que se pode imaginar” (ROWLING, 2000, p.36). Mas as tentativas de impedir o garoto de descobrir sua verdadeira identidade eram em vão, pois mesmo em um barraco longe da cidade, o guarda-caça da escola, Rúbeo Hagrid, conseguiu encontrá-los trazendo à tona toda a real história da vida do menino.

Indo ao encontro de Harry da maneira mais inesperada, Hagrid leva consigo a mensagem de Hogwarts, além de um bolo em comemoração ao aniversário do garoto. A sua felicidade era evidente, visto que era algo que Harry nunca teve a oportunidade de fazer já que sua família de *trouxa* o impedia de vivenciar o festejo do seu aniversário.

Mesmo querendo impedir Harry de conhecer seu passado, as tentativas do Sr. Dursley foram inúteis, dado que Hagrid não estava disposto a voltar ao castelo sem a notícia de ter encontrado com o menino. Ao descobrir que a família Dursley omitiu por todo esse tempo a verdade sobre a morte dos pais de Harry, o guarda-caça fica furioso e demonstra seus dotes bruxos atacando o primo do Harry, Duda, colocando nele um rabo de porco.

Descobrindo a verdade sobre seu passado e sua verdadeira identidade, Harry sente-se livre, alegrando-se por ter que sair de casa, deixando para trás todo o sofrimento e falta de amor dos seus tios, podendo conviver com pessoas que sejam capazes de lhe acolher, amá-lo sem discriminação. Chegando ao castelo, o garoto experimenta pela primeira vez o sentimento de pertencer a um lugar, fazendo de *Hogwarts* seu lar, um lar, do qual, após a morte de seus pais, não teve oportunidade de ter.

Não sabendo da proporção do quanto era conhecido, Harry ficou bastante surpreso ao ingressar na escola de magia, considerando que naquele universo era sabido por todos que se tratava da “criança que sobreviveu”, ou seja, a criança cujo destino levaria a enfrentar o maior bruxo das trevas de todos os tempos.

Ao chegar à escola, Harry e os demais alunos do primeiro ano passam por uma cerimônia de seleção, que conforme a professora Minerva McGonagall, que ministra a disciplina de “Transfiguração” e diretora da casa Grifinória, é um encontro familiar, dado que “A seleção é uma cerimônia muito importante porque, enquanto estiverem aqui, sua casa será uma espécie de família em Hogwarts. Vocês assistirão a aulas com o restante dos alunos de sua casa, dormirão no dormitório da casa e passarão o tempo livre na sala comunal” (ROWLING, 2000, p. 101).

Assim os alunos são direcionados às quatro casas que formam a estrutura social da escola: *Grifinória*, *Sonserina*, *Corvinal* e *Lufa-lufa*. Essa seleção é feita pelo *Chapéu Seletor*, um chapéu que avalia atributos de cada aluno e determina para qual casa cada um deve ir. Portanto, na casa da *Grifinória* são selecionados os alunos por sua bravura e coragem, na *Sonserina* são espertos e têm um enorme desejo de poder, na *Corvinal* abrange os mais inteligentes de *Hogwarts* e *Lufa-lufa* acolhe os alunos pacientes de mente, amigos leais e justos. Fundadas por quatro amigos que sonhavam com um lugar para expandir os saberes mágicos, assim sendo,

Godrico Gryffindor, Helga Hufflepuff, Rowena Ravenclaw e Salazar Slytherin. Eles construíram este castelo juntos, longe dos olhares curiosos dos trouxas, porque era uma época em que a magia era temida pelas pessoas comuns, e os bruxos e bruxas sofriam muitas perseguições (ROWLING, 2000, p.16).

Logo de início, Harry percebe a rivalidade entre sua casa, *Grifinória*, e a *Sonserina*. A rixa entre essas duas casas vem desde suas criações, visto que seus fundadores discordavam do modelo de seleção, pela razão de que Salazar Sonserina defendia somente a entrada de alunos *puro sangue* (que toda sua linhagem fosse composta somente de bruxos), enquanto Godric Gryffindor sustentava que qualquer bruxo que tivesse interesse em aprender magia poderia frequentar a escola, fossem mestiços, nascidos *trouxas* ou *sangue puro*, prorrogando assim esse conflito por toda a história de Hogwarts, esse pensamento continua sendo sustentado pelo diretor Alvo Dumbledore.

Nota-se na trama, a visão de alunos que acreditavam na sua superioridade de uns em relação a outros bruxos por terem *sangue puro*, isso é constatado na fala de Draco Malfoy, filho de um *Comensal da Morte* e aluno da *Sonserina* que a princípio se vê como inimigo de Harry Potter,

Eu realmente acho que não deviam deixar outro tipo de gente entrar, e você? Não são iguais a nós, nunca foram educados para conhecer o nosso modo de viver. Alguns nunca sequer ouviram falar de Hogwarts até receberem a carta, imagine.

Acho que deviam manter a coisa entre as famílias de bruxos (ROWLLING, 2000, p. 61).

Além de menosprezar seus colegas pelo fato de serem *trouxas*, percebe-se a presença do preconceito do personagem em relação aos colegas que não têm o mesmo perfil que seus pares. É um bruxo preconceituoso, ambicioso e que se dedica a perseguir Harry e seus amigos por todos os períodos letivos.

É nesse momento que o garoto conhece o rancor em que seu professor de *Porções*, o diretor da Sonserina, Severo Snape sente por ele, assemelhando o garoto a seu pai, um bruxo que Snape antipatizava devido a um passado de conflitos entre os dois, visto que Tiago Potter vivia a zombar daquele, além de casar-se com o amor da sua vida, Lilian Evans.

A autora deixa evidente, logo no primeiro livro, a impressão do que o garoto sentia em relação ao rancor do seu professor: “No início do banquete de abertura do ano letivo, Harry tivera a impressão de que o Prof. Snape não gostava dele. No final da primeira aula de Poções, ele viu que se enganara. Não era bem que Snape não gostava de Harry – ele o odiava”. O professor tece um pré-conceito em relação ao aluno, fazendo assim a distinção dele com os demais.

O segundo livro que recebe o título de *Harry Potter e a Câmara Secreta*, nos apresenta o segundo ano de Harry na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*, na qual aconteceram novos tormentos e horrores. Nessa aventura, o menino precisa de muitos esforços para convencer a todos que não era o culpado pelos eventos estranhos e perturbadores que começaram a acontecer na escola.

Com o aniversário mais tedioso que poderia ter, tendo que passá-lo com seu primo e seus tios, esses que nem se quer permitia que Harry mencionasse algo que estivesse ligação com sua nova escola, muito menos a palavra “mágica”, sua única vontade era voltar para Hogwarts, seu verdadeiro lar, isso que sentia em relação àquele castelo, mas o garoto não imaginava o que lhe esperava.

Assim como em quaisquer sociedades há a distinção entre os grupos sociais e “raças”, no mundo mágico não é diferente, porquanto, nesse livro, a autora acentua ainda mais a questão do preconceito na saga, expondo as questões de segregação ocorrentes entre bruxos de *puro sangue* e *trouxas*, chamados preconceituosamente de *sangue ruim*. Em ataques com o intuito de aniquilar todos aqueles nascidos de não bruxos, realçando ainda mais a discriminação desses na escola.

Na escrita da autora, não há somente uma abordagem ao preconceito entre “raças”, mas um destaque para a discriminação social, na qual bruxos com condições financeiras relevantes

julgam-se superiores àqueles que não faziam parte da mesma classe social, menosprezando seus semelhantes a partir de sua condição financeira e dos ciclos de amizades que estabeleciam.

Uma cena do livro que retrata essa questão apresenta Lúcio Malfoy e seu filho Draco com a família Weasley na loja *Floreios e Borrões* quando Draco faz menção a condição de Rony: “Não tão surpreso como estou de ver você numa loja, Weasley – retrucou Malfoy. – Imagino que seus pais vão passar fome um mês para pagar todas essas compras” (ROWLING, 2000, p. 51). Essa ofensa deixa o garoto e sua irmã constrangidos, a ponto de querer revidar.

Outro momento relata também a recusa sofrida por Neville Longbottom, que mesmo possuindo *sangue puro* é rejeitado por alguns colegas e até mesmo pelo professor Severo Snape por ser um garoto tímido e um pouco desastrado, sofrendo constante situação de *Bullying*.

Na discussão também se aborda sobre o trabalho escravo dos *elfos domésticos*, os quais serviam aos bruxos da elite, sendo fiéis aos seus senhores e as instituições que faziam parte, pois havia muitos elfos que trabalhavam em Hogwarts, sem receberem nenhuma recompensa por seus serviços. Esses ao cometerem alguma imprudência aos seus senhores castigam a si próprio, como forma de punição.

Os elfos eram libertos ao receberem roupas de seus donos, fato esse que é sinônimo de vergonha para eles, pois servir aos seus amos era seu maior prazer. Essas criaturas são apresentadas a Harry quando Dobby³ aparece na *Rua dos Alfeneiros* para avisar ao garoto sobre a reabertura da *Câmara Secreta*. Essa informação foi descoberta após ouvir uma conversa do Sr. Malfoy. Depois disso o elfo foi libertado por Harry quando enganou Malfoy e esse entrega o diário com uma meia dentro para seu elfo.

O contexto da narrativa equivale ao segundo ano de Harry na escola de magia. Nesse momento, com a ansiedade de voltar para Hogwarts, Harry foi à *Toca*, casa em que morava a família Weasley⁴, pessoas que o acolhiam e o tinha como membro da família. Preciado de material para o início de suas aulas em Hogwarts, Harry e a família Weasley foram ao *Beco Diagonal*, local de compras dos bruxos. Lá encontrou o professor Lockhart, um bruxo que vivia se vangloriando por ser famoso, embora sua fama não passasse de mentiras.

Chegando a Hogwarts, Harry depara-se com um mistério, que deixou todos inquietos. Os alunos nascidos *trouxas* estavam sofrendo um ataque, sendo petrificados por algo

³ Elfo doméstico que serviu a família Malfoy, sendo tratado da pior forma possível, desprezando-o por ser um empregado.

⁴ Sobrenome de uma família puro sangue, considerados Traidores do Sangue por de relacionarem com trouxas. Conhecidos na comunidade bruxa por todos serem ruivos.

desconhecido, preocupando os professores e o diretor da escola. Isso estava acontecendo devido à reabertura da *Câmara Secreta*, motivo da expulsão Hagrid em tempos passados quando ele foi acusado tê-lo feito. A câmara foi criada por Salazar Slytherin, fundador da *Sonserina*, para que, no futuro, um herdeiro seu pudesse abri-la,

Meu pai não quer me contar nada sobre a última vez que a Câmara foi aberta, tampouco. É claro, foi há cinquenta anos, antes do tempo dele, mas ele sabe tudo que aconteceu e diz que o caso foi abafado e que vai levantar suspeitas se eu souber de muita coisa. Mas uma coisa eu sei, a última vez que a Câmara Secreta foi aberta, um sangue ruim morreu (ROWLLING, 2000, p. 169).

Nesse lugar era abrigado um *balístico* (que seria uma cobra com poder de petrificar quem olhasse em seus olhos) que fosse capaz de matar os bruxos nascidos *trouxas*, pois ele “acreditava que o aprendizado de magia devia ser mantido no âmbito das famílias inteiramente mágicas” (ROWLLING, 2000, p. 116). Enquanto os *trouxas* não possuíam méritos para estudar em Hogwarts.

Pela capacidade de entender *Ofidioglossia*, a língua das serpentes, adquirida por Harry quando Voldemort tentou matá-lo, o garoto foi dado como suspeito de ser o herdeiro de Slytherin, por ter a câmara aberta novamente, pois todos os acontecimentos levavam a culpar o garoto.

A reabertura da *Câmara Secreta* serviu para evidenciar ainda mais a discriminação em relação aos *trouxas*, marcando acentuadamente os conflitos entre a casa *Sonserina* e as demais, principalmente a *Grifinória*, em consequência de receber o maior número de *trouxas*. Por possuir *sangue puro*, muitos bruxos sentiam-se superiores em relação aos mestiços ou nascidos *trouxas*, além de discriminar seres de outras espécies.

Além da abordagem desses preconceitos, a autora deixa evidente a discriminação entre os abortos⁵, que é o inverso dos *trouxas*, ou seja, aqueles que possuem pelo menos um pai bruxo, mas não tem a capacidade de desenvolver magia. Esses eram visto com desprezo pela comunidade bruxa. Até então esse fato era desconhecido para Harry, uma vez que a autora apresenta o zelador da escola, Argo Filch, que se empenhava a fazer parte desse mundo, fazendo cursos a distância sobre magia para abortos.

Os ataques preconceituosos eram constantes, visto que o *sangue puro* via nisso uma oportunidade para manifestar seu preconceito. Um exemplo a se citar é quando Draco Malfoy

⁵ Esse assunto será tratado posteriormente com mais clareza.

insulta Hermione Granger⁶, chamando-a de *sangue ruim*, lançando-lhe uma ofensa que “É praticamente a coisa mais ofensiva que ele podia dizer – ofegou Rony, voltando. - Sangue ruim é o pior nome para alguém que nasceu *trouxa*, sabe, que não tem pais bruxos” (ROWLLING, 2000, p. 90). Há um choque entre os amigos da garota por vê-la sendo ofendida, ainda mais sabendo que na escola não há distinção entre bruxos, visto que essa acolhe a todos sem se importar com suas condições.

O livro é finalizado com a reflexão de que a distinção de alunos não é cabível na escola, conforme o modelo adotado pela sua direção, pois todo aquele capaz de executar magia é bem-vindo, mesmo aqueles que não possuem a mesma classe social, seja *puro sangue* ou não. Porém essa perspectiva desperta indignação dos opositores da ideia de escola democrática.

O livro *Prisioneiro de Azkaban*, o terceiro livro da saga, traz a reflexão entre relação ao preconceito com outras criaturas mágicas. Mencionamos a inserção de dois professores que não são bruxos *puros sangue* na escola de Hogwarts, Remo Lupin, conhecido como *Aluado*, um dos *Marotos*⁷, que foi contratado para assumir o cargo de professor de *Defesa contra Artes das Trevas*, que além de ser mestiço foi transformado em lobisomem ainda criança, fato que ficou em segredo por muitos anos, até ser descoberto por Snape, levando-o a pedir demissão da escola. Devido a sua situação e por ter sido descoberto, passou por muito tempo sem ter muito contato com seus amigos, além de não conseguir emprego, sendo impedido, principalmente por Dolores Umbridge, que decretou uma lei *anti-lobisomem*, e o *Ministério da Magia*, nas vezes em que tentou um trabalho. No entanto foi recebido em *Hogwarts* pelo professor Alvo Dumbledore.

Outro professor admitido foi Rúbeo Hagrid, meio gigante, que ficou encarregado de lecionar a disciplina de *Trato das Criaturas Mágicas*. Um meio-gigante que foi alvo de discriminação, principalmente por aqueles que pertenciam a classe de bruxos puros, por sua postura e seu amor por criaturas mágicas exóticas, e ainda mais por ser descendente de gigante (mesmo não sendo uma certeza para os alunos, pois Hagrid nunca tocou nesse assunto com eles) criaturas que não possuíam a mesma inteligência que os bruxos, mas era apto a compreender magia e ter apreço a ela.

As questões eugênicas que encontramos nesse livro não são tão acentuadas como nos demais em relação aos *trouxas*, aqui é enfatizado o preconceito entre “raças”, abrangendo,

⁶ Melhor amiga de Harry Potter e aluna da Casa da Grifinória, nascida de pais não bruxos, conceituada como trouxa, porém uma das melhores alunas da escola.

⁷ Grupo de amigos formado por Tiago Potter, Sirius Black, e Pedro Pettigrew, que juntos eles criaram o *Mapa do Maroto*, mapa que dá acesso a toda a escola de *Hogwarts*.

principalmente, os lobisomens, considerados seres inferiores devido as circunstâncias, pois quando transformado em lobisomem perdia suas faculdades mentais.

Ainda no trem que os levariam para *Hogwarts*, Harry e seus amigos, Rony Weasley⁸ e Hermione Granger, conhecem o professor de *Defesa das Contra as Artes das Trevas*, Remo Lupin, mas a princípio desconhecem a verdadeira identidade. Chegando à escola puderam conhecê-lo melhor, constatando o brilhante professor que era, diferente dos seus antecessores.

Esse contemplava todos os méritos para ocupar tal cargo, no entanto não era bem aceito por seus superiores (alguns membros do *Ministério da Magia*) e pelo professor Severo Snape, por ser lobisomem e acharem impróprio que uma criatura não bruxa exercesse o cargo de professor na escola. Enfrentando o preconceito, foi recebido pelo diretor da escola Alvo Dumbledore, que não fazia distinção de “raças” e criaturas, mesmo assim foi posta em dúvida a contratação do professor. Esse fato revela a repulsa que os bruxos possuem sobre outras criaturas.

A confiança dos bruxos em relação aos lobisomens era quase inexistente, percebemos isso quando o próprio professor Dumbledore diz que: “E eu poderia acrescentar que a maioria do nosso povo desconfia tanto de Lobisomens que o apoio dele contará muito pouco [...]” (ROWLING, 2000, p. 288), por não defender o amigo de Lupin, Sirius Black de um crime que não o cometeu, pelo fato de ser lobisomem.

Harry também pôde perceber a implicância de alguns alunos ao serem noticiados sobre a chegada do novo professor da disciplina *Trato das Criaturas Mágicas*, não o considerando capaz de ministrar a matéria por ter sido expulso injustamente da escola e não ter conseguido se formar, porém mostra-se interessado no assunto e conhecedor das criaturas que são comuns ao mundo bruxo.

Um episódio que retrata a rejeição de alunos ao professor, principalmente por Draco Malfoy, quando são levados a orla da floresta para terem a primeira aula dessa disciplina, conhecendo assim a primeira criatura, os *hipogrifos*⁹. Não satisfeito com o novo professor, Draco revela seu descontentamento mencionando que “[...] essa escola está indo para o brejo! – falou Draco em voz alta. – Esse pateta dando aulas, meu pai vai ter um acesso quando eu contar...” (ROWLING, 2000, p. 87). O aluno manifesta seu desprezo por Hagrid bravejando-lhe palavras desprezíveis.

⁸ Bruxo de puro sangue e sexto filho de Artur Weasley e Molly Weasley, aluno da Grifinória e melhor amigo de Harry Potter.

⁹ Animais que “tinham os corpos, as pernas traseiras e as caudas de cavalo, mas as pernas dianteiras, as asas e a cabeça de uma coisa que lembrava águias gigantescas, com bicos cruéis cinza-metálico e enormes olhos laranja vivo” (p.87).

Dando continuidade à história do “garoto que sobreviveu”, no quarto livro, intitulado *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, se observa as questões eugênicas a partir da comparação entre as três escolas escolhidas para participar de um torneio, quando selecionam seus alunos de distintas maneiras. Além do realce à discriminação que haviam entre os bruxos, como também, mais uma vez, uma reflexão ao trabalho escravo dos elfos domésticos.

Harry agora com 14 anos, vive mais um ano de aventura na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts* e acontecimentos inesperados como o *Torneio Tribuxo* e a presença de um novo professor de *Arte das Trevas*, agitando a todos os alunos. Afora todas as surpresas que passou, ainda tinha que lidar com a rejeição dos seus amigos.

Indo passar o restante de suas férias na casa dos Weasley, Harry teve a oportunidade de, pela primeira vez, ir a uma *Copa Mundial de Quadribol*¹⁰, no entanto foi surpreendido pela aparição dos *Comensais da Morte* e a *Marca Negra*, o sinal que Lord Voldemort usava para convocar seus seguidores, um sinal para o retorno daquele que é temido no mundo bruxo.

Ao começar o ano letivo, os alunos são recebidos com a notícia sobre o *Torneio Tribuxo*, no qual foram recebidos alunos de outras duas escolas, a de *Beauxbatons*, escola localizada em um palácio ao sul da França, exclusiva para meninas tendo como diretora Olímpia Maxime, uma sangue gigante, mesmo não gostando de admitir; e a escola de *Durmstrang* localizada na Suécia ou Noruega, é uma escola conhecida pela sua aceitação a *Arte das Trevas*, cujo diretor Igor Karkaroff, foi um *comensal da morte* durante a *Primeira Guerra Bruxa*, escapando da prisão por entregar vários de seus companheiros em troca de sua absolvição.

É retratado aqui sobre a distinção entre essas escolas, como acontece à admissão de seus alunos, quando em Hogwarts não há diferenciação de bruxos, aceitando qualquer um que tenha méritos para estar lá, em *Beauxbatons* vemos uma escola que recebe meninas com um porte marcante, em *Durmstrang* que a princípio só era aceito alunos de *puro sangue*.

Ao ser escolhido, indevidamente, para o *Torneio Tribuxo* Harry foi submetido a provas que poderiam levar a seu fim, mesmo desconsiderando o perigo, antes de ser um dos vencedores, tinha como sonho sua nomeação no torneio. Porém, ao ser indicado para participar o garoto não sabe como reagir, fazendo com que o medo do que viria a enfrentar crescesse dentro dele.

¹⁰ É o prestigiado jogo dos bruxos em que consiste em sete jogadores divididos em quatro posições e quatro bolas diferentes. O jogo é terminado quando o Apanhador captura o pomo de ouro, que é a bola que vale mais pontos, geralmente que o apanha vence a partida.

Em meio a essa aglomeração de novidades, Hermione descobre sobre o trabalho dos *elfos domésticos* no castelo, já não satisfeita por esses servirem aos bruxos, fica muito menos feliz que a escola porta o maior número dessas criaturas em toda Grã-Bethânia, resultando em mais de cem, como informa o fantasma Nick Quase Sem Cabeça¹¹. Indignada cria assim, o *F.A.L.E* (Fundação de Apoio à Libertação dos *Elfos Domésticos*), com o objetivo de libertá-los da escravidão e poder ter remuneração por seus trabalhos, algo que seus amigos achavam um absurdo, por entenderem que os elfos serviam porque foram criados para tal.

Conseguindo vencer todas as provas preparadas para os vencedores Harry ainda não ficou livre dos tormentos, pois em sua última prova depara-se com algo que não estava nas regras do jogo. Ao ser transportado, por uma *chave de portal*, até um cemitério encontrou Rabicho¹² com algo embrulhado em uma manta, logo o garoto percebeu do que se tratava.

[...] tinha a forma de uma criança humana encolhida, só que Harry nunca vira nada que se parecesse menos com uma criança. Era pelada, de aparência escamosa, de uma cor preta avermelhada e crua. Os braços e pernas eram finos e fracos e o rosto – nenhuma criança viva jamais tivera um rosto daqueles – era plano e lembrava o de uma cobra, com olhos vermelhos e brilhantes (ROWLING, p. 468).

Mesmo presenciando a volta desse bruxo, o *Ministério da Magia* não acredita em Harry, contestando se esses fatos são realmente verídicos. Deu chance para que aquele que tinha trazido ao mundo bruxo tempos de aflição retornasse, e fizesse com que *trouxas*, mestiços e criaturas desse mundo vivessem o mesmo terror do passado, ou seja, tristes períodos de desesperança e temores, pois por não serem bruxos de *puro sangue*, estavam à mercê dos planos de destruição pensados por Voldemort.

É no quinto volume da coleção, a *Ordem da Fênix*, que as marcas eugênicas são mais evidentes no contexto da saga, quando não só a discriminação com os nascidos *trouxas* e mestiços aumenta, mas também outras criaturas não bruxas sofrem preconceito. Esse livro diverge com a ideia de Hogwarts ser uma escola que abrange a todos os perfis de alunos e professores, quando Dolores Umbrige¹³ é contratada pelo *Ministério da Magia* para supervisionar a escola e assumir a disciplina de *Defesa Contra as Artes das Trevas*, causando aflição nos alunos e professores.

¹¹ Nick é o fantasma residente da torre da Grifinória. Recebeu este apelido por ter sido assassinado com um machado cego.

¹² Que como verdadeiro nome: Pedro Pettigrew, um dos Marotos e traído dos Potter, entregando-os ao Lord das trevas para que os matasse.

¹³ Uma professora cruel e prepotente, secretária Sênior do Ministério da Magia e professora de Defesa Contra Artes das Trevas no quinto ano de Harry Potter.

Continuando com a narrativa, Harry continua sofrendo a rejeição de sua família, passando suas férias da pior forma possível, tendo que aguentar o calvário que é conviver com eles, ouvindo os insultos do seu tio, além das provocações do seu primo, Duda, que fazia questão de recordar sobre sua orfandade e a indignação de sua tia por ter na família pessoas como o Harry, que pertenciam a outro mundo que não o aceitava.

Após realizar um feitiço para proteger a si e seu primo, visto que ambos foram atacados por *dementadores*¹⁴, o garoto é expulso tanto de casa como de Hogwarts. Insatisfeita com a ação do sobrinho, mas ao mesmo tempo aterrorizada pelo ataque a seu filho, tia Petúnia expõe, sem ao menos perceber, seus conhecimentos sobre o que atacou aos garotos, permitindo que Harry continue em sua casa, assim como o *Ministério da Magia*, por intervenção de Dumbledore, voltou atrás em relação à expulsão do garoto. No entanto esse teve que enfrentar um julgamento por ter sido acusado por usar indevidamente magia fora da escola, algo que era proibido aos alunos menores.

O preconceito com os nascidos *trouxas* vai ficando cada vez mais evidente, percebendo-se isso quando Harry foi levado a casa dos Black¹⁵ e se depara com Monstro, o *elfo doméstico* da família, que segue os mesmos preceitos de seus donos, os quais abominavam quem não fosse bruxo puro, e com o quadro da Sr. Black que a todo custo tentava enxotar seus inquilinos, vociferando o tempo todo ofensas a eles: “Símbolos da desonra, mestiços sórdidos, traidores do próprio sangue, filhos da imundície...” (ROWLING, 2003, p. 88). Pois não se contentava em saber que bruxos de “raça impura” frequentava sua casa. Todavia, mesmo com os aborrecimentos do *elfo doméstico* e o retrato de sua dona, Harry sentia-se pertencente àquele local, pois ali estavam todos aqueles que gostavam, reunidos pelo mesmo propósito.

Foi nesse local, também, que Harry conhece a *Ordem da Fênix*, sociedade secreta criada por Alvo Dumbledore para combater os planos de Voldemort na *primeira guerra bruxa* que precisou ser retomada sua formação após a volta de Voldemort, com o objetivo de proteger Harry Potter e a profecia que marcou essa guerra.

Harry voltou ao castelo para mais um ano letivo, onde cursou seu sexto ano e passou por testes de suma importância para a continuação da formação dos alunos na Escola de Hogwarts, os *N.O.M.s*¹⁶. Encontrou lá grandes mudanças, como mais uma vez um novo professor para a disciplina de *Defesa contra as Artes das Trevas*, que foi assumida pela

¹⁴ Criaturas aterrorizante que sugam a esperança e a felicidade de quem sofre um ataque deles, além de poder, através de “um beijo” sugar a alma da pessoa.

¹⁵ Com todos os membros da família mortos, passa-se a ser residência de Sirius Black, o único sobrevivente da família. É um dos Marotos, padrinho de Harry e amigo de Tiago Potter. A casa torna-se sede da Ordem da Fênix.

¹⁶ Testes feitos no quinto ano que serviam para determina se o aluno teria a permissão para continuar a cursar uma disciplina em anos letivos posteriores.

temível Dolores Umbrigde, que além de professora assumia o cargo de *Auto Inquisidora*, que tinha o papel de inspecionar os professores da escola para que seguissem uma prática conforme determina o *Ministério da Magia*. O menino a reconhece logo que é apresentada, pois essa participou de seu julgamento e foi a responsável pelos dementadores irem atrás dele, pois ela, como todo o *Ministério* não aceitavam a volta do Lord das Trevas e acreditavam que o garoto inventou toda a história.

A escola sofria mudanças desagradáveis e inconvenientes, tendo baixados decretos, pela Umbrigde, os quais violavam a forma de gerir de Dumbledore. Essa ficou conhecida por submeter os alunos de Hogwarts a um duro e cruel ano letivo, fazendo com que os níveis de discriminação aumentassem, principalmente em relação aos *trouxas*, visto que Umbrigde, mesmo sendo mestiça, não tolerava quem não fosse de raça-pura.

Após a professora reduzir a disciplina de *Defesa Contra a Arte das Trevas* a nada além da teoria, os alunos apresentam-se inconformados, formando assim a *Armada de Dumbledore* (A.D), que se reuniam na *Sala Precisa*¹⁷ para praticarem feitiços que ajudaram na batalha que enfrentaram contra Voldemort e o *Ministério*.

Dolores, já desconfiada das reuniões desses alunos, criou a *Brigada Inquisitorial*, formada somente por alunos de *sangue puro*, evidentemente da *Sonserina*, entre eles Draco Malfoy, para perseguir e descobrir o que acontecia quando esses alunos se encontravam, além do que declarou, por meio do *Decreto de Educação Vinte e Quatro*, que “Todas as organizações, sociedades, times, grupos e clubes estudantis estão doravante dissolvidos [...] Nenhuma organização, sociedade, nenhum time, grupo ou clube estudantil poderá existir sem o conhecimento e a aprovação da Alta Inquisidora” (ROWLING, 2003, p. 289).

Harry Potter continuava a sofrer com as afrontas de sua professora, Dolores Umbrigde, que tentava a todo custo desmentir o que Harry havia presenciado no torneio *Tribruxo*, a volta daquele que todos temiam, aplicando ao garoto duras detenções e proibindo-lhe de praticar o tão cobiçado *Quadribol*. Além do que a inquisidora continuava a perseguir, também, os professores de Hogwarts, ameaçando demiti-los caso sustentassem a ideia da volta de Voldemort ou que fugissem de suas disciplinas, fato esse que aconteceu com a professora Sibila Trelawney, responsável pela disciplina de *Adivinhação*, que foi despedida e desmoralizada pela *Alta Inquisidora*.

¹⁷ Ou sala Vem e Vai, localizada na Escola de *Hogwarts* que aparece apenas para que precisasse muito dela e se transforma naquilo em que o bruxo ou bruxa queria, assim como informa Dobby “é uma sala em que a pessoa só pode entrar quando tem real necessidade dela. Às vezes existe, às vezes não, mas quando aparece está sempre equipada para atender à necessidade de quem a procura” (ROWLING, 2003, p. 317).

Após a demissão de Trelawney, Dumbledore contratou o professor Firenze, que sofreu rejeição por parte dos alunos e por Dolores Umbrigde, por ser um centauro, visto que essa não aceitava que na escola fossem admitidos professores que não fossem humanos, rejeitando-o mesmo mostrando ser conhecedor do assunto e apto a ministrar essa disciplina. Os centauros eram criaturas que com parte do corpo humano e parte de cavalo, que vivem na *Floresta Proibida*. Criaturas dotadas de inteligência e conhecimentos na área de adivinhação e astronomia, que se comunicavam com os humanos, porém desconfiam dos bruxos tanto quanto dos *trouxas*, não precisando de proteção bruxa, pois usavam de suas próprias habilidades para sobreviver. O *Ministério da Magia* os rotulavam como perigosos, restringindo ao máximo o contato com eles.

O pouco contato dos bruxos com os centauros é notório quando Dolores aplica um castigo em Harry e Hermione por invadirem sua sala, e quando se depararam com esses seres a professora demonstra sua insatisfação em relação a eles, travejando insultos aos centauros “Mestiços imundos! Feras! Animais descontrolados!” (ROWLING, 2003, p. 611). Assim também os centauros não deixam passar seu descontentamento com a bruxa levando-a para além da floresta e castigando-a pelas palavras ofensivas referidas a eles.

Tentando a todo custo descobrir o motivo pelo qual Harry e seus amigos se encontravam tanto, Dolores passa a colocar Argo Filch juntamente com a *Brigada Inquisitorial* para vigiá-los, havendo sucesso nesse seu plano, a professora destruiu a *Sala Precisa*, revelando o que os alunos faziam lá, assim como o nome do grupo, a *A.D*, culpando o professor Dumbledore por tal ação, uma vez que ele assumiu a culpa e precisou deixar Hogwarts para não ser levado a Azkaban por ser acusado de descumprir as ordens do *Ministério da Magia*. Assim Dolores Umbrigde o substituiu, mudando toda a política da escola, empregando novos decretos, criando um ambiente exclusivo, propagando a ideia de que estudar em Hogwarts é um privilégio de poucos e fazendo da escola um espaço não democrático.

Ainda com todos esses acontecimentos, Harry, Rony e Hermione descobriram a verdade sobre a história de Hagrid, na qual ele pertencia a linhagem dos gigantes devido ao fato de sua mãe ser uma gigante, e seu meio irmão também, o guarda caça deixa bem evidente o porquê de nunca ter contado sobre sua legítima identidade, já que os gigantes, assim como outras criaturas não bruxas, sofriam preconceito e eram excluídos da sociedade bruxa.

Agregando-se em tribos com sua própria língua e cultura, essa espécie sofreu uma grande aniquilação, diminuindo muito no último século, por terem participado da *Primeira Guerra Bruxa* a favor de Voldemort. Com isso os *Aurores* mataram grande número de

gigantes, obrigando-os a se refugiar em locais montanhosos, sem convívio com bruxos, isso fez com que os gigantes criassem uma grande aversão aos bruxos.

Essa repulsa entre gigantes e bruxos, é evidenciada quando Hagrid conta aos meninos sobre sua missão com Madame Máxima à terra dos gigantes e estando lá notou que a presença deles não era agradável, mesmo sendo meio gigante, da mesma maneira o receio que Harry e Hermione deixaram demonstrar em relação ao Grope, meio irmão do guarda caça, que o trouxe para a *Floresta Proibida* de Hogwarts por ver os maus tratos que seu irmão estava sofrendo por ter nascido pequeno em comparação aos gigantes de sua aldeia, visto que havia a discriminação entre pares nessa espécie, quando algum gigante nascia com o porte pequeno em relação aos outros.

É nesse contexto que, após uma batalha no *Ministério da Magia* entre a *Ordem da Fênix* e os *Comensais da Morte*, depois de Harry cair em uma armadilha, que vem à tona a *Profecia* da Professora Trelawney e a volta do Lord das Trevas, gerando um caos na comunidade bruxa, que se sentem ameaçados novamente. Com isso, Dumbledore retorna ao seu cargo e Dolores Umbridge é dispensada da escola.

Tanto Harry como todos aqueles que acreditavam na volta de Voldemort temem para o que pode acontecer, principalmente àqueles que não fazem parte da linhagem de bruxos de *sangue puro*, visto que o bruxo das trevas tende a fazer o que estiver no seu alcance para conseguir ascender-se novamente.

Seguimos para o sexto livro, intitulado *Harry Potter o Enigma do Príncipe* que vem dar sequência ao ponto em que fica evidente o poder de Voldemort e seus seguidores, alastrando o terror tanto na sociedade bruxa como na *trouxa*, aproximando assim esses dois mundos como nunca acontecido antes, visto que os ataques desse bruxo não se restringiam ao mundo bruxo.

No avante da história, o *Ministério* acaba por perder o poder para o Lord das Trevas, não conseguindo impedir os avanços desse bruxo, que aos poucos iam conquistando as criaturas não bruxas para agirem a seu favor, além dos *dementadores*, que eram muito temidos na comunidade bruxa por causarem tanta dor a quem fossem atacados por eles, os gigantes e os lobisomens que por muito tempo foram excluídos nessa sociedade.

Contudo, essa situação não diminuía a ansiedade de Harry em voltar a Hogwarts, ainda mais quando recebe a visita do próprio Dumbledore na casa de seus tios, Dursley. O garoto se encontrava muito mais maduro do que a primeira vez que fez a viagem ao castelo, sendo denominado “O Eleito”, Harry tem de enfrentar novos desafios e grandes descobertas sobre o passado daquele que causou as suas maiores perdas.

Chegando a Hogwarts, Harry depara-se com o novo professor de *Porções* Horácio Slughorn, ex-professor da escola, presenciou a sua contratação após uma visita à sua casa com o professor Dumbledore. E tendo a insatisfação de saber que Snape era o novo responsável pela disciplina de *Defesa Contra as Artes das Trevas*. Slughorn costumava criar em Hogwarts um clube com os alunos com quem mais simpatizava, ou seja, os mais competentes em sua disciplina, encaixando Harry nessa por causa da sua fama.

Harry que era não era muito bom na disciplina de *porções*, passa a se dar bem na matéria após ganhar um livro de Slughorn, no qual havia observações mais eficientes nas preparações que esse contemplava, assim como feitiços desconhecidos por muitos, passando a ser ainda mais cobiçado pelo professor e gerando inveja entre seus amigos, principalmente da parte de sua amiga Hermione, que fica intrigada com o avanço repentino de seu amigo. Logo mais descobrem que o livro pertenceu ao *Príncipe Mestiço*, e isso passa a ser a ser o mais novo enigma para Hermione.

É no desenrolar da história que, através de aulas particulares com Alvo Dumbledore, Harry começa a descobrir sobre o passado de Voldemort, desde sua infância até seus últimos anos em Hogwarts, o que lhe fez gerar essas guerras e o porquê do ódio contra os *trouxas*, mestiços e criaturas não bruxas.

Após receber as aulas, Harry tem uma missão dada por Dumbledore, em ajudá-lo a encontrar as *Horcrux*¹⁸, o garoto passa por um grande desafio ao lado do professor, onde se vê em uma situação em que não há saída, tendo que ajudar Dumbledore a beber o líquido do qual esconde a *Horcrux*, uma vez que causava muita dor a quem bebesse. Ao finalizarem esse propósito, eles voltaram ao castelo e enfrentaram os Comensais da Morte, que queriam testemunhar Draco Malfoy realizando uma tarefa destinada a ele por Voldemort, ou seja, matar Dumbledore, no entanto, para proteger o garoto, o professor sugere que Snape faça isso, sendo um acordo somente entre eles dois. Fato esse que vez com Severo fosse acusado de matar o diretor de Hogwarts e fugisse com os seguidores do Lord das Trevas.

No último livro da saga, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, a autora realça ainda mais o preconceito existente com os *trouxas*, no qual após Voldemort tomar o poder do *Ministério da Magia*, passaram a fazer perseguições contra os nascidos de não bruxos ou mestiços, a fim de uma “[...] uma sociedade pacífica de sangues puros” (ROWLING, 2007, p. 187).

¹⁸ “Horcrux é a palavra usada para um objeto em que a pessoa ocultou parte da própria alma [...] Bem, a pessoa divide a alma, entende – explicou Slughorn –, e esconde uma metade dela em um objeto externo ao corpo. Então, mesmo que seu corpo seja atacado ou destruído, a pessoa não poderá morrer, porque parte de sua alma continuará presa à terra, intacta.” (ROWLING, 2005, p. 360).

Harry Potter, com dezessete anos, se encontrou em uma tarefa indispensável na luta contra Voldemort deixada por Dumbledore, e na companhia de seus melhores amigos saiu à procura das *Horcrux*, não voltando à Hogwarts para cursar seu último ano, deixando para trás o conforto e aconchego *D'A Toca*.

Nesse intervalo, o mundo bruxo presenciou a ascensão de Voldemort ao poder, que tomou o *Ministério da Magia* lançando feitiços contra as pessoas para que se juntassem a ele. Com esses acontecimentos, foi implantada a desordem, bruxos taxados como *sangue-ruim*¹⁹ e bruxos que insistiam em resistir foram atormentados e mortos, além do que os *trouxas* também sofreram com esses ataques.

Esse último livro é repleto de aventuras e mistérios, e mesmo que o seu contexto não foi vivenciado na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*, foi nesse momento em que Harry e seus amigos tiveram a oportunidade de fazer uso daquilo que foi aprendido com seus professores para que pudessem resolver os enigmas deixados pelo diretor Dumbledore.

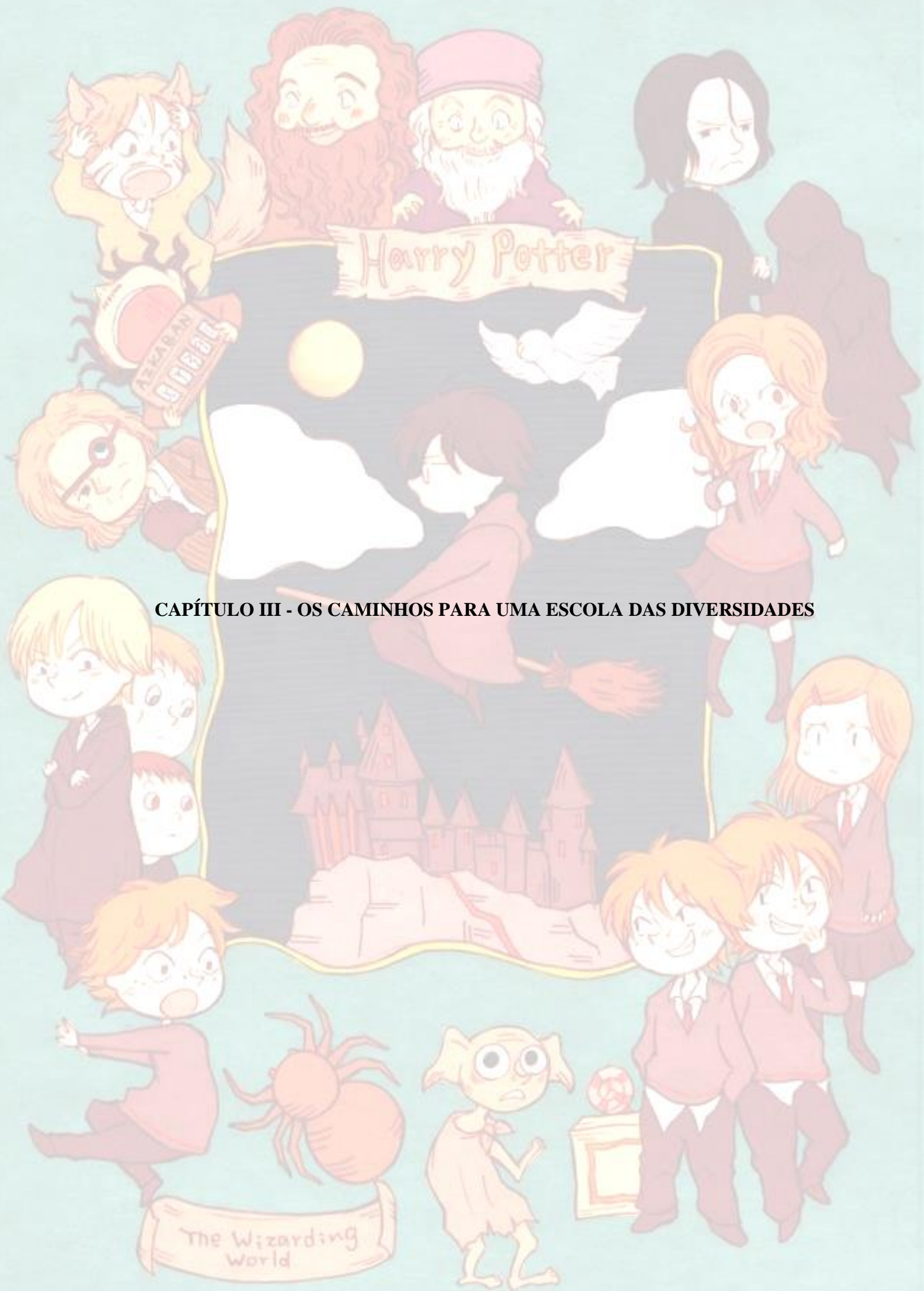
Com Voldemort dominando o *Ministério da Magia*, através do novo ministro, Pius Thicknesse, a crescente onda de discriminação e exclusão de todos os mestiços, *sangue-ruim* e criaturas não bruxas aumentou, juntamente a isso nasce a *Comissão de Registros dos Nascidos Trouxas* que foi uma forma de ter o controle dos nascidos *trouxas* e interrogá-los a fim de saber como obtiveram seus poderes mágicos, pois eles acreditavam que aqueles que tinham como ascendentes não bruxos teriam conseguido seus poderes forçadamente.

Harry decidiu em cumprir sua tarefa, mas com pouco conhecimento do que poderia encontrar e sem muita esperança, seguiu em uma viagem um tanto arriscada, com o objetivo de combater o mal em que foi emitido no mundo bruxo, sendo ele o único capaz de por fim nas ações de Voldemort.

Harry passou a encaixar as partes do enigma deixado pelo seu diretor, fortalecendo ainda mais seu desejo por cumprir essa tarefa. Depois de viver momentos de incertezas e medo, o garoto volta a Hogwarts, que foi o cenário para o ápice da *Segunda Guerra Bruxa*, na qual foi ao encontro da última peça que lhe faltava para efetuar sua missão, destruindo o Lord das Trevas e fazendo-se o herói do mundo bruxo, libertando-o da ambição das trevas.

No capítulo posterior refletiremos sobre as questões marcantes dos preconceitos existentes em Hogwarts. Partiremos de uma análise com base em considerações de autores que defendem o direito de todos viverem, com igualdade, em uma sociedade, independentemente de classe social, cor, sexo ou gênero.

¹⁹ Denominação pejorativa que os bruxos puros usavam para denominar os bruxos nascidos de *trouxas*.



CAPÍTULO III - OS CAMINHOS PARA UMA ESCOLA DAS DIVERSIDADES

Neste capítulo fazemos uma reflexão a partir das marcas eugênicas encontradas na saga, relacionando-as à realidade com base estudos de autores que procuram abordar a escola enquanto instituição que integra a diversidade. Em um primeiro momento partiremos de uma análise da escola desde quando ela é amparada aos preceitos de uma escola democrática, ligada a paradigma do conflito, e quando ela atende ao conservadorismo, seguindo o paradigma do consenso. Nos dois outros momentos serão abordadas as cicatrizes deixadas pelo preconceito e um ensaio sobre a possibilidade de uma escola que venha atender essas diversidades.

3.1 A teoria do conflito e do consenso em Hogwarts: a origem dos conflitos

A *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts* viveu momentos controversos em sua proposta de escola na qualidade de instituição formadora e transformadora dos aspectos sociais. De um lado encontramos uma escola democrática, aceitando seus alunos sem fazer distinção, que se molda aos preceitos do paradigma do conflito, por outro lado vive uma ocasião diversa a essa primeira, quando a escola parte de princípios que vão de encontro ao paradigma do consenso, onde encontramos uma escola excludente, que tenta modelar seus alunos em um único padrão, uniformizando-a.

Essas concepções provêm do processo de idealização da escola, ainda na época medieval, em um contexto que quase não havia quem admitisse possuir sangue bruxo ou a capacidade de realizar magia, podemos ter como exemplo sir Nicholas de Mimsy-Porpington²⁰, que teve “[...] sua varinha confiscada antes de ser trancado em uma masmorra, e assim ficou impedido de usar magia para fugir à sua execução” (ROWLLING, 2000, p. 13). Devido a isso não havia escolas de bruxaria, poucos se arriscavam a ensinar e aprender esse conhecimento. Nascendo assim entre quatro amigos, que estavam em escolas secretas, o desejo de formar uma instituição que viesse a suprir as necessidades bruxas.

No entanto, eles discordavam entre si da forma como os alunos eram escolhidos, enquanto o fundador da casa de *Sonserina* presava por uma escola pura, homogênea, pois esse “[...] queria ser mais seletivo com relação aos estudantes admitidos. Ele acreditava que o aprendizado de magia devia ser mantido no âmbito das famílias inteiramente mágicas. Desagradava-lhe admitir alunos de pais *trouxas*, pois os achavam pouco dignos de confiança”

²⁰ Conhecido por Nick quase sem Cabeça Ganhou esse apelido pela causa da morte: Uma decapitação mal-feita fez com que sua cabeça ficasse presa por um, e apenas um, nervo ao resto do corpo, esse é o fantasma da Grifinória.

(ROWLLING, 2000, p. 16). Assim, “Ensinaresos só os da mais pura ancestralidade” (IDEM, 2003, p. 169), ou seja, todos os alunos recebidos por ela deveriam integrar-se a bruxos de *sanguis puros*, defendendo uma escola conservadora, que padronizasse seus alunos, a fim de construir uma sociedade bruxa uniformizada, sem a inclusão de outras espécies mágicas e não-mágicas.

Sobre a intensão de homogeneizar um grupo social, encontramos em Durkheim (2011, p. 53) a ideia de que “[...] a sociedade só pode viver se existir uma homogeneidade suficiente entre seus membros; a educação perpetua e fortalece esta homogeneidade gravando previamente na alma da criança as semelhanças essenciais exigidas pela vida coletiva”.

Essa visão de uma escola que formasse um modelo de sociedade foi sustentada por muito tempo na saga, sendo transmitida entre gerações, havia muitos alunos em Hogwarts que acreditava na pureza de uma raça, isso é mostrado no livro *Os Contos de Beedle, o Bardo*²¹, em que o Sr. Malfoy apresenta, em escrito, uma exigência ao diretor da escola que demonstra a disseminação da ideia inicial proposta por Slytherin:

Qualquer obra de ficção ou não-ficção que retrate a miscigenação de bruxos e trouxas deve ser banida das estantes de Hogwarts. Não quero que o meu filho seja influenciado a macular a pureza de sua linhagem lendo histórias que promovam casamentos entre bruxos e trouxas (ROWLLING, 2008, p. 40).

Durkheim (2011) discute a educação como forma de propagação de valores construídos socialmente pelos nossos ancestrais, dos quais deveriam ser reproduzidos para as novas gerações, no entanto ao defender a homogeneização da sociedade, um modelo único de escola, uma única forma de viver coletivamente defende a desigualdade, satisfaz apenas uma parte da sociedade naquele contexto, levando essa reflexão a uma comparação com a sociedade bruxa almejada Salazar, a partir da sua escola, haveria uma aceitação dessa desigualdade, hierarquizando uma classe sobre outra, na qual via a comunidade bruxa superior a outros tipos de espécies.

Nesse sentido, levando em conta as concepções de Bourdieu (1989), a escola perde o foco de se uma instituição transformadora e passa a ser um agente disseminador do preconceito e exclusão das diferenças, além de comprovar os privilégios de um sobre outros, validando a ideia de supremacia entre seres e ou raças.

²¹ Livro de contos infantis escrito pela J. K. Rowling, mesmo livro mencionado no sétimo livro da saga de Harry Potter

Relacionando o pensamento de Salazar Slytherin com o de Durkheim, vemos que mesmo implicitamente, ambos concordam que devido às mudanças ocorridas na sociedade, ela muda e as pessoas mudam com ela, todavia os valores que foram construídos anteriormente devem ser preservados e vivenciados em sociedade, pois ao desvirar desse a sociedade tornaria um caos, nos postulados apresentados encontramos as letras que expressam que “não sou obrigado a falar o mesmo idioma que meus companheiros de pátria, nem empregar as moedas legais; mas é impossível agir de outra maneira. Minha tentativa fracassaria lamentavelmente se procurasse escapar desta sociedade” (DURKHEIM APUD MEKSENAS, 1988, p.75).

Assim via Salazar ao idealizar o formato de sua escola, em razão de um objetivo de propagar os conhecimentos sobre magia fosse aberta àqueles que não pertenciam ao mundo bruxo seriam destinadas ao fracasso, fazendo assim dessa sociedade uma desordem, até por que, para ele, os *trouxas* não eram dignos de confiança.

Esse ideal de uma sociedade puramente bruxa, levou a escola a uma divergência que perpetuou por muito tempo, gerando conflitos entre as casas e disseminando o preconceito por aqueles que não faziam parte do molde que foi empregado por Salazar Slytherin, o conceito de uma sociedade de *puro sangue* foi levada de geração a geração, especialmente por aqueles bruxos que fizeram parte dessa casa.

Em contrapartida, outro idealizador dessa escola que viesse a ensinar magia, Godrico Gryffindor, defendia uma escola democrática, em que todos aqueles que tivessem a vontade de aprender magia poderia frequentá-la, que educassem através da humanização e da transformação social, formando bruxos, que na concepção de muitos estudiosos vêm a defender, não seja reprodutora de uma ideologia conformista, incapazes de recriar-se dentro desse contexto, não sendo meros reprodutores de valores produzidos por seus ancestrais. Uma escola que seja aberta ao diferente e ao diálogo, que inclua seus alunos e atenda às suas diversidades.

De acordo com Bourdieu, “nenhuma cultura pode ser objetivamente definida como superior a nenhuma outra” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p. 28), desse modo a escola pensada por Gryffindor, apesar de presar por aqueles que tinham suas qualidades, nobres de coração valente, os corajosos e ousados, não fazia distinção dos alunos que poderiam frequentá-la, independentemente de ser bruxo de *puro-sangue* ou não.

Esse conflito gerado entre os dois fundadores das casas de Hogwarts perdurou até no presente contexto da saga, no qual vemos de um lado, na gestão de Dumbledore, “uma educação verdadeiramente democrática, voltada para a formação de pessoas reflexivas,

críticas e comprometidas com a transformação da realidade” (SILVA, 2015, p. 15), ou seja, uma escola democrática, com uma concepção transformadora, que acolhe as diversidades.

Dumbledore relata no *Conto Beedle, o Bardo*, que, bruxos com pensamentos preconceituosos em relação aos *trouxas*, por muito tempo tentaram afastá-lo do cargo de diretor da escola, com a desculpa de que ele não estivesse com uma boa sanidade, admitindo que sua forma de gerir fosse contestada, como bem acorda o Sr. Malfoy, “É lamentável, Dumbledore, mas os conselheiros acham que está na hora de você se retirar. Tenho aqui uma Ordem de Suspensão, com as doze assinaturas. Receio que o Conselho pense que você está perdendo o jeito” ou pelo *Profeta Diário*²² “Naturalmente, correm muitos boatos de que Alvo Dumbledore, que no passado foi o Chefe Supremo da Confederação Internacional de Bruxos e Bruxo-presidente da Suprema Corte, não está mais à altura de administrar a prestigiosa Escola de Hogwarts” (ROWLING, 2008, p. 40).

Em resposta a uma das tentativas desse bruxo, que é contra os *trouxas* em Hogwarts, em não permitir que obras que relatasse a miscigenação de bruxos e *trouxas* fizesse presente da enciclopédia da escola, o diretor defende que:

As famílias de sangue supostamente puro mantêm a sua alegada pureza excluindo os *trouxas* ou filhos de *trouxas* de suas árvores genealógicas, deserdando-os ou mentindo sobre sua pureza. Tentam então impingir aos demais a sua hipocrisia, pedindo a exclusão de obras que abordem as verdades que eles negam. Não há um único bruxo ou bruxa no mundo cujo sangue não tenha se misturado ao de *trouxas*, e, assim sendo, devo considerar ilógica e imoral a remoção de obras que tratem do assunto do acervo de conhecimentos dos nossos alunos. (ROWLING, 2008, p. 40)

Nesse segmento tomamos como apoio o pensamento de Bourdieu, quando enfatiza que “[...] apesar de arbitrária e socialmente vinculada a uma classe, a cultura escolar precisaria, para ser legitimada, ser apresentada como uma cultura neutra” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p. 29), ou seja, a escola, como âmbito social, para ter uma cultura legítima, não pode apoiar-se a uma cultura dominante, pois, uma classe iria se sobrepor sobre outra. Todavia, agindo dessa forma, “[...] a escola cumpriria, assim, portanto, simultaneamente, sua função de reprodução e de legitimação das desigualdades sociais” (IDEM, 2002, p. 30). Ainda pelo fato de que, para essa classe de bruxos, a cultura vivenciada na escola seria sua própria cultura vivida em outros contextos, já para os demais seria uma cultura estranha.

Conforme é notado por Bourdieu, a escola, possuindo o papel de (re) produtora social, pode ser levada a ser “[...] instituição a serviço da reprodução e legitimação da dominação

²² É um jornal bruxo com sede em Londres. É a principal fonte de notícias para os bruxos britânicos.

exercida pelas classes dominantes” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p. 28). Nesse caso, ao permitir que Hogwarts fosse gerida conforme seria conveniente a classe de bruxos com *puro sangue*, engajando ali somente a sua cultura, essa estaria abrindo espaço para a discriminação da minoria que se encontrava lá, pois a equidade proposta por esses bruxos, não cabia no conceito proposto por Dumbledore, ou seja, tratando os alunos dessa forma, a escola estaria, antes de incluir, excluindo-os.

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 1998, p. 53).

Em vista disso, lidando com todos de maneira igual, mesmo aqueles que trazem em si uma distinção dos demais, a escola estaria reforçando a superioridade de uma classe sobre outra, nas palavras de Bourdieu (1998, p. 53), “tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura”.

Dumbledore não é contestado somente pelo fato de receber alunos sem distingui-los, como também pela contratação de professores que fogem do padrão exigido pela sociedade bruxa, entre essas contratações podemos citar a de Rúbeo Hagrid, que foi empregado a ministrar a disciplina de *Trato das Criaturas Mágicas*, vimos logo de início o repúdio de Draco Malfoy à suas aulas, demonstrando isso através de palavras: “Nossa, essa escola está indo para o brejo! Esse pateta dando aulas, meu pai vai ter um acesso quando eu contar [...]” (ROWLING, 2008, p. 87).

Além desse episódio, podemos mencionar a contratação de outros dois professores, que foram questionados ao serem admitidos pelo diretor, Remo Lupin, ao ter sua identidade revelada foi alvo de rejeição por alguns alunos, entre eles Rony, julgando o diretor pelo seu feito, “Dumbledore contratou o senhor mesmo sabendo que o senhor é um lobisomem?! – exclamou Rony. – Ele é louco?” (ROWLING, 2008, p. 255), a repulsa por um ser de outra espécie é explícita nesse momento. Outro é o professor de *Adivinhação*, Firenze, que por não fazer parte da comunidade bruxa, era excluído e visto por alguns, como alguém que não fosse capaz de exercer tal função, apesar de dominar a arte da *Adivinhação*.

Nesse sentido, a escola que Dumbledore vislumbra é uma escola para todos com um modelo de educação amplo e emancipador que venha atender às diversidades e procurar a integração desses indivíduos, considerados anormais aos padrões bruxos, a essa sociedade,

sendo eles alunos ou professores, buscava tratá-los como seus semelhantes, além do que procurava transmitir esse pensamento aos seus.

Contraopondo ao ideal de escola defendido por Dumbledore, o *Ministério da Magia* toma, aos poucos, o poder da escola, passando a intervir nas decisões tomadas nela, defendendo uma educação conservadora que promoveria a moralização, assim “[...] a função primária da escola fica reduzida a inculcar na criança aqueles valores e normas requeridas pela sociedade” (VARES, 2015, p. 150), nesse sentido, a escola de Hogwarts passaria a programar/implementar em seus alunos ideologias que visava uma sociedade bruxa harmônica, percebemos isso quando Dolores Umbridge é contratada como professora de *Defesa Contra as Artes das Trevas*, inicialmente, em sua chegada à escola, a professora promove um discurso que realça o conservadorismo que vem a ser implantado,

[...] o progresso pelo progresso não deve ser estimulado, pois as nossas tradições comprovadas raramente exigem remendos. Então um equilíbrio entre o velho e o novo, entre a permanência e a mudança, entre a tradição e a inovação, [...] porque algumas mudanças serão para melhor, enquanto outras virão, na plenitude do tempo, a ser reconhecidas como erros de julgamento. Entrementes, alguns velhos hábitos serão conservados, e muito acertadamente, enquanto outros, antigos e desgastados, precisarão ser abandonados. Vamos caminhar para frente, então, para uma nova era de abertura, eficiência e responsabilidade, visando a preservar o que deve ser preservado, aperfeiçoando o que precisa ser aperfeiçoado e cortando, sempre que encontrarmos, práticas que devem ser proibidas (ROWLING, 2003, p. 175-176).

Em meio a esse discurso, percebemos que Dolores Umbridge procurou introduzir na escola uma política de preservação dos antigos valores bruxos, ou seja, conservar perfil do *sangue puro*, mesmo com a evolução e as mudanças ocorrentes, remete que o progresso não pode acontecer quando afeta essa ideologia.

Essa disseminava o preconceito e a discriminação para com aqueles que fugiam ao padrão da sociedade bruxa, os que não possuíam ancestralidade bruxa. Alimentada pelo desejo de incumbir suas convicções na escola e disseminar as práticas que eram vivenciadas na gestão de Dumbledore.

Umbridge é intitulada como *Auto Inquisidora*, recebendo o poder de intervir na escola, segundo o que foi publicado no *Profeta Diário*, “Inicia-se assim uma nova fase no plano ministerial para enfrentar o que alguns têm chamado de queda nos padrões de Hogwarts, a Inquisidora terá poderes para inspecionar seus colegas educadores e se assegurar de que estejam satisfazendo os padrões desejados” (Rowling, 2003, p. 253). Vemos nisso que “cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construída fundamentalmente a partir da matriz político-social [...], prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo,

considerados como elementos constitutivos do universal” (CANDAU, 2011, p. 333). Hogwarts passa a ser moldada a partir da universalização da homogeneidade, onde o que contrapõe a isso é excluído.

A tomada de poder pelo *Ministério da Magia*, em dois momentos da saga, toma partido do modelo de escola desejada por Salazar e posteriormente defendida pela Lord das Trevas, sendo assim, assumiram “[...] um governo cuja preocupação era se centra nos corpos, ele vai gerir, adestrar, educar, extrair o máximo de rentabilidade desses corpos, o que implica que ele termina por hierarquizar, classificar, definir, diagnosticar, produzir distinções sobre corpos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 23), ou seja, uma escola formada de alunos com sangue puramente bruxo, categorizando-os e excluindo aqueles que não possuísem essa linhagem.

Com essa ideia, encerraremos esse tópico, no qual foi refletido sobre a teoria do consenso e do conflito abordada em Hogwarts a partir de duas gestões. No tópico seguinte buscaremos tratar das cicatrizes encontradas no decorrer da história, buscando refletir sobre a violência que é gerada a partir da discriminação de personagens são afetados direta e indiretamente na saga.

3.2 As cicatrizes dos preconceitos nas relações sociais

J. K. Rowling buscou na sua escrita retratar a história da transição de mundos de um menino, que, até seus onze anos, era visto como uma criança normal, que convivia com pessoas ditas normais e passa a conviver com pessoas totalmente diferentes do que poderia pensar, com costumes diferentes, e até mesmo um mundo que para ele seria imaginário.

Mas como em qualquer outra sociedade que é composta por um multipluralismo, essa sociedade não era diferente, nela vemos culturas diversas, onde encontramos além de bruxos, outros seres mágicos, como gigantes, centauros, mestiços, lobisomens, fantasmas, duendes, entre outras criaturas. E nessa diversidade, constatamos que alguns se sentem superiores a outros. Com isso, percebemos nessa trama uma vasta gama de discriminação e segregação de uma raça sobre outras, na qual a autora busca retratar essas atitudes de maneira crítica e reflexiva.

Inicialmente, o preconceito é abordado na relação dos *trouxas* com os bruxos, que com a figura do tio de Harry, Válder Dursley que deixava bem claro sua aversão por essa espécie, como podemos observar ao argumentar que: “Os Potter sabiam muito bem o que pensavam deles e de gente de sua laia...” (ROWLING, 2000, p. 11), ou com a forma que tratavam o

garoto “Com frequência, os Dursley falavam de Harry assim, como se ele não tivesse presente – ou melhor, como se ele fosse alguma coisa muito desprezível que não conseguisse entendê-los, como uma lesma” (idem, 2000, p. 22). Os Dursley traziam consigo estereótipos sobre a sociedade *trouxa*, dado que nunca chegaram a conhecê-la de fato.

O temor que os Dursley tinham dos bruxos é bastante evidente na saga, tratando-os com rejeição por não pertencerem à mesma cultura que a sua, por serem visto diferente por praticarem uma cultura diversa, vemos nisso um resquício do que Albuquerque Júnior vem apresentar como xenofobia, ou seja, “o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro” (2016, p. 9), visto que esses ignoram a verdadeira identidade de Harry, passando a escondê-la do garoto, além de abominar a prática dos costumes bruxos, até pelo fato desses costumes serem insólitos a eles, desse modo esse mesmo autor reflete que “a recusa e a aversão ao corpo do outro nasce, muitas vezes do não reconhecimento da sua humanidade” (2016, p. 16), isto é, por não enxergar no outro o direito de ser o que ele é.

Ao adentrar-se a esse “novo” mundo Harry se depara com esse mesmo dilema, pois a discriminação em relação ao outro é bastante evidente, ele vê lá a segregação entre os bruxos, no qual bruxos de classe superiores tentam menosprezar os que pertencem a uma classe inferior, isso é demonstrado assim que ele chegar à escola, quando o garoto Draco Malfoy que é de família rica e de *puro sangue* mostra o como é preconceituoso, inferiorizando um de seus colegas por pertencer a uma classe social abaixo da sua, Rony Weasley, amigo de Harry, isso é representado em um diálogo desses dois, “Está tentando ganhar uns trocadinhos, Weasley? Vai ver quer virar guarda-caça quando terminar Hogwarts. A cabana de Rúbeo deve parecer um palácio comparada ao que sua família está acostumada” (ROWLING, 2000, p. 143).

Posteriormente Harry percebe que a superioridade de bruxos não está somente quando se refere às classes sociais, como também àqueles que são de outras linhagens, como no caso dos descendentes de *trouxas*, como explicita Hagrid após tomar conhecimento de ofensas dirigidas a Hermione, “Existem uns bruxos, como os da família de Malfoy, que se acham melhores do que todo mundo porque têm o que as pessoas chamam de sangue puro” (ROWLING, 2000, p. 90). Vemos a existência de um sentimento de superioridade de uma raça sobre outra, uma vez que, muitos bruxos acreditam serem mais merecedores de estudar na escola por serem descendentes de outros bruxos do que aqueles que são de famílias *trouxas*, além disso, o garoto percebe em outro momento o quanto esse tipo de discriminação é óbvio, principalmente na Família Malfoy, quando Draco deixa explícito no seguinte trecho:

Você não vai demorar a descobrir que algumas famílias de bruxos são bem melhores do que outras, Harry. Você não vai querer fazer amizade com as ruins. E eu posso ajudá-lo nisso. – Eu teria mais cuidado se fosse você, Harry – disse lentamente. – A não ser que seja mais educado, vai acabar como os seus pais. Eles também não tinham juízo. Você se mistura com gentinha como os Weasley e aquele Rúbeo e vai acabar se contaminando (ROWLING, 2000, p. 11).

Levando para o mundo real, podemos associar essas ações ao racismo, prática essa que está presente tanto no contexto escolar como no social, que procuram segregar e ofender pessoas por conta de sua cor, procurando tornar essas pessoas inferiores por serem de “raças” distintas, nesse sentido, pode constatar que “o fato de os corpos humanos apresentarem cores, traços diacríticos e formas variadas e diferentes fez com que emergissem a noção de raça para classificá-los e, inclusive, hierarquizá-los” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 21).

Mesmo pertencentes a mesma sociedade, fazendo parte do mesmo ciclo, Draco não vê seus semelhantes pertencentes ao seu mundo e muito menos dignos dos mesmos direitos que o seu, pois, “nem sempre, portanto, quando um homem enxerga outro homem, quando uma mulher enxerga outra mulher, os identificam como pertencentes à sua mesma espécie; nem sempre se acham diante de um corpo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 16), desta forma, ele não assemelha a seus colegas por não possuírem a pureza de sangue do qual tanto defende.

O preconceito, nesse sentido, torna-se mais evidente no decorrer da trama, quando, no segundo livro, os ataques àqueles que são nascidos de não-bruxos torna-se mais explícitos. As ofensas direcionadas a esses, principalmente a Hermione Granger, também amiga de Harry, e na sua ancestralidade não possui bruxos, tornaram-se marcantes, quando é insultada por seu colega Draco, referindo-se a ela de “sujeitinha de sangue ruim”, que como afirma Hagrid, é a pior ofensa aos nascidos *trouxas*, nesse caso, a garota passa a sofrer um tipo de violência que Abramovay (2002) e Bourdieu (1989) vêm a classificar de violência simbólica, que é o que vem deixar marcas significativas e emotivas, pois ao agir dessa forma com a colega, por não possuir *sangue puro*, Draco, agride-a verbalmente, sendo essa considerada como uma forma de violência.

Muitas violências que encontramos em nossas escolas não dizem respeito ao ato físico, mas uma que afeta o emocional e muitas vezes o psicológico, isso acontece quando alguém tenta exercer o poder sobre outra pessoa, discriminando, denegrindo a imagem com ofensas, apelidos pejorativos, entre outros.

Encontramos na saga formas de discriminações com outros seres, como a autora narra, por exemplo, os elfos, os doentes, que sofrem com a segregação no mundo bruxo, como

consequência da violência simbólica, internalizam esse sentimento de inferioridade, observamos isso quando o Dobby, um elfo doméstico, conta a Harry que:

Dobby teve que se castigar, meu senhor – disse o elfo, que ficara ligeiramente vesgo. – Dobby quase falou mal da própria família, meu senhor... [...] Dobby é um elfo doméstico, obrigado a servir a uma casa e a uma família para sempre. Dobby terá que se castigar com a maior severidade por ter vindo vê-lo, meu senhor. Dobby terá que prender as orelhas na porta do forno por causa disto. Dobby está sempre tendo que se castigar por alguma coisa, meu senhor. Eles nem ligam para Dobby, meu senhor. Às vezes me lembram de cumprir uns castigos a mais (ROWLING, 2000, p. 16).

E quando Harry pergunta o porquê ele não foge, o elfo responde ao garoto que “Um elfo doméstico tem que ser libertado, meu senhor. E a família nunca vai libertar Dobby [...] Dobby vai servir à família até morrer, meu senhor [...]”. Refletindo a internalização da condição de servir, ser subserviente aos seus amos (IDEM, 2000, p. 17).

Nessa perspectiva, Albuquerque Júnior (2016) nos faz refletir que esses seres “transformados em mera carne nua, ele se torna matável, ele possa submetido a todo tipo de sevícia, de tortura, de desrespeito, pois ele perde, inclusive, a sacralidade, já que corpo que nasce do divino ou se relaciona com alguma divindade, dos seres humanos” (2016, p. 20). Hermione conclui que “[...] tudo isso parece nascer dessa horrível maneira dos bruxos se acharem superiores aos outros seres... (ROWLING, 2003, p. 142)”.

Nessa esteira, percebemos a discriminação e exclusão de outra figura bastante importante na história, no caso dos gigantes, como descreve Rony: “Harry eles são apenas gigantes cruéis. É como Hagrid disse, é da natureza deles, são como os trasgos [...] Gostam de matar, todo mundo sabe disso” (ROWLING, 2001, p. 315), esses eram vistos como criaturas indomáveis e assim precisavam ficar afastados da sociedade bruxa, esse preconceito refletiu em um personagem na saga, Hagrid, que por ser meio gigante era considerado como bobo e selvagem.

Recorrendo aos pensamentos de Albuquerque Júnior (2016), quando esse considera que por possuir um corpo diferente e distinguir-se em seus atributos, tornar-se um ser indigno de direitos, como acontece com as criaturas mágicas na saga, por possuírem traços e formas diferentes são excluídos do corpo social, menosprezados e tomados como insignificantes, características físicas, a cultura, os gostos não são justificativas para que um ser humano seja banalizado, excluído do seu meio social ou até mesmo agredido, uma vez que todos, independentemente de raça, cor, religião ou cultura temos direito de ir e vir, e de manifestar nossos anseios. Em suas palavras:

[...] aquele corpo humano que não habita o mesmo território, que não apresenta a mesma aparência, a mesma forma e aparecer em público, que não possui os mesmos traços físicos e marcas culturais, tende a ser enxergado e dito como inferior, como incompleto, como mau, como privado, inclusive, de condições humana, sendo reduzido à condição de animal inferior, desprezível (2016, p. 17).

Também é apresentado na saga outro tipo de marca simbólica, que agrava, principalmente, dois alunos por serem vistos como estranhos, como Neville Longbottom e Luna Lovegood, tratados como “idiota Longbottom e a esquisita Lovegood!” (ROWLING, 2007, p. 225), esses eram alvos de preconceitos por não igualarem ao padrão de alunos que se encontravam na escola, o primeiro por ser um tanto pacato e desastrado ou segundo Draco o garoto “não tem miolos, era alvo de apelidos pejorativos, além de sofrer uma distinção dos demais alunos, como a autora relata: “Neville raramente ouvia alguém dizer que ele era bom em alguma coisa” (ROWLING, 2001, p. 164), e como menciona Malfoy ao debochar do colega chamando de “panaca”.

Nessa mesma linha, Luna Lovegood vem a receber os mesmos estereótipos, pelo fato de como se vestia, se portava e devido suas características, sendo considerada ingênua e boba por seus colegas, Rowling a descreve da seguinte forma:

Cabelos louros, sujos e mal cortados, até a cintura, sobrelhas muito claras e olhos saltados, que lhe davam um ar de permanente surpresa [...] A garota emanava uma aura de nítida birutice. Talvez fosse porque guardara a varinha atrás da orelha esquerda, por medida de segurança, ou porque tivesse decidido usar um colar de rolhas de cerveja amanteigada, ou ainda porque estivesse lendo a revista de cabeça para baixo (ROWLING, 2003, p. 153 -154).

Por viver em seu mundo, não se importando com o que pensam sobre sua forma de viver, Luna sofre zombarias de seus colegas, é excluída dos grupos de amigos, mantém-se isolada, sofre indiferenças, além de esconderem suas coisas, isso fica evidente quando essa exprime um fato que aconteceu,

Bom, perdi a maior parte dos meus pertences – disse Luna serenamente. – As pessoas os apanham e escondem, entende. Mas como é a última noite, eu realmente preciso deles, então estou pregando avisos [...] acho que pensam que sou meio excêntrica, entende. De fato, algumas pessoas me chamam Di-lua Lovegood” (Rowling, 2003, p. 697).

Esse tipo de violência é parte de um fenômeno conhecido como *Bullying*, que segundo Abramovay (2002), é resultante das incivildades no ambiente escolar, evento esse que são categorizados como antissociais e anti-escolares, essa é bastante impactante e resulta em

traumas simbólicos. Conforme Bourdieu (1989) esse fato é consequência do poder imposto por um indivíduo que se assume como adequado e absoluto e, em muitos casos, esses episódios são desconhecidos ou a escola não está atenta a isso.

A discriminação para com os *trouxas* e outras espécies mágicas, não-bruxas, é bastante pontuada com a morte de Alvo Dumbledore, quando, a partir disso, o *Ministério da Magia*, principal órgão da sociedade bruxa, com Pio Ticknesse toma o poder e se alia ao Lord das Trevas, quem mais disseminou esse preconceito, em relação a isso, podemos relacionar com o pensamento que Albuquerque Júnior vem proferir “As Políticas de governo dos Estados Nacionais estão sempre apoiando a criação e reprodução de diferença entre corpos que são admitidos como pertencentes à nação, como corpos nacionais e corpos, vistos, ditos e tratados como estrangeiros” (2016, p. 22).

Assim esse órgão passa a enxergar aqueles corpos que não estão dentro de seus ideais, *trouxas*, elfos, duendes, lobisomens, centauros, gigantes, entre outras criaturas, como estranhos a eles, separando-os, não permitindo sua aceitação nessa sociedade, fazendo deles alheios ao seu mundo, como se houvesse dois lados: o lado dos *puros sangues* e o lado de todos os que não pertencem a essa classe.

Com ele nasce a *Comissão de Registro dos Nascidos*, que veio como uma maneira de oficializar e externalizar o preconceito com aqueles que descendem aos *trouxas* e permitindo que esse fenômeno fosse natural, isso aconteceu devido ao fato de que acreditavam que “os chamados nascidos *trouxas* provavelmente obtiveram seus poderes por meio do roubo ou uso de força” (Rowling, 2007, p.).

Nesse mesmo cenário, Dolores Umbrigde, que procurou difundir sua visão conservadora em Hogwarts, sem mais sucesso, faz isso acontecer assumindo o cargo de *Chefe da Comissão de Registro dos Nascidos Trouxas*, que perseguia os mestiços, julgando-o a fim de condena-los e expulsa-los da sociedade, isso era manifestado por todo o *Ministério da Magia*, assim como estava escrito em um panfleto criado por Umbrigde, estava intitulado “sangues ruins e os perigos que oferecem a uma sociedade pacífica de sangues puros” (Rowling, 2007, p. 187), propagando a imagem retorcida dos mestiços e *trouxas*.

A caçada aos *trouxas* e mestiços passou a ser uma atividade de lucrativa nesse contexto, sequestradores passaram a procurar esses indivíduos a fim de faturarem ao entregá-los ao *Ministério da Magia*, eles “Estão por toda parte, quadrilhas tentando ganhar dinheiro prendendo nascidos *trouxas* e traidores do sangue, o Ministério está oferecendo uma recompensa pelos capturados” (ROWLING, 2007, p. 282), como informa Rony a seus amigos.

Diante desses fatos, recorremos ao que Albuquerque Júnior vem apresentar, uma vez que, segundo seu pensamento, “cada sociedade tende a colocar sua própria cultura no topo, considera-la superior, melhor, normal, mais civilizada, mais justa, mais verdadeira, mais de acordo com os desejos e designios de seus deuses e de suas crenças morais e religiosas” (2016, p. 40), assim acontece nesse momento da história, bruxos que são denominados de *puro sangue* veem suas ideologias superiores àqueles que não pertencem a essa “linhagem”, buscando uma forma de excluí-los da sociedade por acharem que são usurpadores dos poderes mágicos.

Após destacarmos os pontos marcantes referentes ao preconceito e discriminação na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*, iremos agora discutir a possibilidade de uma escola que acolha as diversidades.

3.3 O que é uma escola das diversidades?

Nesse tópico iremos tratar sobre a necessidade de uma escola que integra e que inclui as diversidades. Faremos essa reflexão com base em pensamentos de autores articulando com passagens dos livros que venham nos mostrar as diversidades em *Hogwarts* e como uma ela, enquanto instituição, vem atender as diferenças.

Por muitos anos a escola esteve à frente das reproduções sociais que visavam homogeneizar a sociedade, entretanto, “[...] educação escolar exerceu um papel fundamental, tendo por função difundir e consolidar uma cultura comum de base eurocêntrica, silenciando ou invisibilizando vozes, saberes, cores, crenças e sensibilidades” (CANDAUI, 2011, p. 333). Dessa forma, algumas pessoas eram segregadas por não encaixasse nos moldes da sociedade.

Em *Hogwarts*, por muitos momentos, notamos que a escola, perde seu foco de transformadora social e parte por esse principio de propagar um modelo único de indivíduo, sendo a principal disseminadora e reprodutora do preconceito e exclusão dos seus integrantes que não se igualavam aos padrões ditos como aceitáveis no mundo bruxo.

Em vista disso, constatamos que na obra, a escritora J. K. Rowling buscou indicar uma variação de diversidades, incluindo nesse mundo, bruxos, fantasmas, gigantes, duendes, elfos, centauros, entre outras criaturas que só seria possível em um mundo encantado, para que a partir daí surgissem reflexões que venham combater o preconceito e comportamentos que ferissem a dignidade de alguém, independentemente de sua condição, no caso da saga, ser bruxo ou não.

Portanto ela procurou mostrar a partir dos três principais personagens da história, Harry Potter, Rony Weasley e Hermione Granger, que são apresentados com diferenças em suas ancestralidades, visto que Harry é mestiço, Rony é *puro sangue* e Hermione é descendente de *trouxa*, que a discriminação é inadequada, pois as habilidades mágicas deles três independem de ser bruxo de *puro sangue* ou não.

Atentamos a uma parte do livro em que Hermione é discriminada por ser filha de *trouxa* e Hagrid demonstra que suas habilidades são superiores a sua condição dizendo que “[...] ainda não inventaram um feitiço que a nossa Mione não saiba fazer” (ROWLING, 2000, p. 90), então, Rony conclui que “[...] nós sabemos que isso não faz a menor diferença. Olha só o Neville Longbottom, ele tem *sangue puro* e sequer consegue pôr um caldeirão em pé do lado certo”.

Isso não mostra que as diversidades não são razões para distinção, pois a capacidade de cada aluno vai além de suas características, de sua raça, cor, gênero ou classe social, pois Hermione, como tantos outros que são alvos de ofensas, consegue superar o preconceito.

Desse modo, notamos que *Hogwarts* mesmo sendo uma escola composta, por sua maioria, de bruxos descendentes de outros bruxos, *os sangue puros*, procura tratar, esses provenientes de outras culturas, de uma sociedade um tanto particular a essa, com tal igualdade, mostrando-lhes meios de introduzir a esse mundo e fazerem bom uso de seus poderes mágicos adquiridos, pois ao contrário não haveria uma inclusão, mas o inverso, por isso,

Se olharmos o (a) aluno (a) com incapaz, menor, nossa ação vai se dirigir a ele de modo a subestimá-lo (a), de modo a desinvesti-lo (a) das suas múltiplas possibilidades, e esse olhar/ação pode, junto com outros fatores ajudar para que ele/ela se acredite assim, incapaz (TRINDADE E SANTOS org. 2000, p. 12)

Nota-se que a escola, muitas vezes, trata problemas como a discriminação, o preconceito e a segregação como algo simples e superficial, silenciando-o, fora dos seus muros, dado que “[...] a preocupação com as diferenças culturais é vista frequentemente como algo “externo”, recentemente incorporado a este campo, constituindo como um corpo estranho às suas preocupações”. No entanto, essa autora defende que “[...] a diferença é constitutiva, intrínseca às práticas educativas [...]” (CANDAUI 2011, p. 332), ou seja, esse problema faz parte dessa comunidade, sendo nela também o ponto forte para reflexões que venham a desconstruir o preconceito.

Com o intuito de incluir esses alunos oriundos de uma cultura diferente do contexto que foram inseridos foi proposta por Dumbledore a disciplina de *Estudo dos Trouxas*, também com o intuito daqueles que já pertencem a esse mundo conhecer a realidade dos *trouxas*, Ronny expressa, em uma conversa com Harry, a importância dessa matéria dizendo: “acho que os bruxos deviam ter uma compreensão total da comunidade não mágica” (ROWLING, 2000, p. 189).

Levando para nossa realidade temos decretos de leis, estudados anteriormente, que se tornam obrigatórios o estudo da história da cultura e formação de grupos étnicos que sofrem discriminações devido a suas condições sociais, no caso do povo negro que por muito tempo teve sua cultura estereotipada, sofrendo segregação, mesmo sendo ela fundamental na construção social do nosso país.

Dessa forma, se nossas escolas atuassem de acordo com o que é previsto em leis e diretrizes, estaríamos não tratando nossos alunos de maneira igualitária, mas inserindo-os no espaço escolar dado o suporte necessário para sua inclusão, por assim esses sentiriam pertencentes a esse ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos realizar nesse estudo uma reflexão diante dos sinais de discriminação e preconceito recorrente as minorias de nossa sociedade. Fizemos um levantamento sobre esse assunto com base na saga *Harry Potter*, escrita pela J. K. Rowling, abordando as marcas eugênicas que são explícitas na trama, partindo a seguinte questão: Quais as possibilidades de uma escola que ultrapasse as questões eugênicas e suas cicatrizes sociais?

Durante a construção dos livros sobre o garoto que sobreviveu, notamos a presença de inúmeras manifestações de preconceito, no qual uma “raça” tenta sobrepor-se a outras, que por achar-se superior, busca a qualquer custo disseminá-las de sua sociedade, nesse encaixo, equiparando à nossa sociedade notamos a existência de uma cultura dominante, que têm em suas exigências a homogeneização da sociedade, descartando aqueles que não fazem parte dos padrões que por ela são empregados.

Buscamos, assim, relacionar passagens da história à nossa realidade, em razão de que percebemos que Rowling leva para obra traços do nosso cenário social, inscrevendo a realidade com um esplêndido toque de magia, comparando a sociedade bruxa com a nossa, no qual o preconceito torna-se presente e as medidas usadas para combatê-los, em muitos casos, vão a desencontro com os padrões vigentes na sociedade.

O objetivo geral desta pesquisa foi designado para Analisar as questões eugênicas marcantes em *Hogwarts* discutindo as possibilidades de uma escola que atenda as diversidades, esse objetivo foi alcançado a partir do estudo de trechos retirados dos livros e estudados, que deixaram claro a existência de dois momentos marcantes na saga, o primeiro que contempla os ideais do paradigma do conflito, do qual o objetivo da escola, sob a gestão de Dumbledore, é atender as diversidades, buscado meios de inserir não somente os alunos ao contexto da escola, mas como também professores e funcionários. E em outro momento em que a escola mostra-se conservadora, atentando aos preceitos do paradigma do consenso, onde buscavam moldar a sociedade bruxa em um único padrão.

No primeiro capítulo consistiu de teorias sobre o tema, no qual procuramos sondar o conceito de eugenia, que marcou o estudo de muitos pesquisadores da área, sendo idealizada com o intuito de uma higienização social, que partiria da eliminação de pessoas que eram vistas como culpadas pela decadência da sociedade, sendo compostos pela minoria, pobres, deficiente e, principalmente, negros. Adiante, adentramos ao contexto histórico para que tomássemos conhecimento dos enlaces sociais e suas marcas, procurando em estudos como o preconceito, especialmente racial, que perdurou e perdura até os dias atuais em nossa

sociedade e quais as leis que foram úteis para a inserção desses em nosso corpo social. Para uma maior reflexão, efetuamos um levantamento sobre os paradigmas do consenso e do conflito, partindo da condição de escola como (re) produtora social.

Compreendemos, então, que a escola, enquanto uma instituição que comporta uma gama de diversidade é responsável pela produção e reprodução de mecanismos que vem a incluir ou excluir seus alunos, assim sendo, essa deve agir de maneira que venha a calhar com as particularidades de cada um.

Para compreender melhor a trajetória dos livros de *Harry Potter*, fizemos, no segundo capítulo, um descrição sobre as marcas eugênicas existentes na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts* e suas consequências. Nessa análise, identificamos quanto ela é recheada de diversidades, englobando uma gama dos mais diversos tipos de seres imaginados pela autora para que a partir daí pudesse surgir reflexões sobre a discriminação de uma espécie sobre outra. Dessa forma conferimos, que assim como o mundo real, o mundo imaginário o preconceito é marcante e o quanto essas cicatrizes promovem desigualdade e uma relação de poder de um grupo social para com outro.

Dando continuidade aos estudos, o terceiro capítulo, que leva como título: Os Caminhos Para Uma Escola Das Diversidades, destinamo-lo para uma reflexão sobre a possibilidade de uma escola que venha atender seus alunos conforme suas singularidades, levando em consideração a contribuição da escola para a propagação de uma ou mais ideologias e como (re) produtora da inclusão e exclusão, identificando as cicatrizes e a perspectiva de uma escola que acolha e saiba lidar com essas necessidades, fazendo assim o enlace entre o mundo mágico e o real.

Para que os objetivos fossem alcançados, optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo, a partir de um estudo teórico abrangendo a pesquisa bibliográfica, tornando os sete livros saga nosso principal instrumento, além de estudos realizados por outros autores que tratam dessas questões, e que deram suporte para a que fosse realizada a análise sociológica dessa série. Nessa trilha, tomamos como ponto de partida, trechos dos livros que vinham a subsidiar nossa proposta, recolhendo passagens que demonstrassem as marcas eugênicas e pudéssemos comparar a nossa realidade, pelo fato de já termos conhecimento dos textos escrito pela autora.

Logo, ao relacionar esses dois mundos, verificamos que por não contemplares os moldes que são impostos muitas pessoas, acabam sendo excluídos, deixados de lado, desse modo a escola torna-se um importante agente à promover ações que venham, ao menos,

amenizar o preconceito no âmbito social, abrindo caminho para uma sociedade que supere esse desatino e possa respeitar as diferenças.

A escrita desse trabalho foi de extrema satisfação, pois, por conhecer a obra e admirarmos a autora pelo seu renome trabalho, tivemos a oportunidade de associar o gosto pela leitura e a admiração pela criadora dessa série à pesquisar um assunto que tinha interesse, relacionando, assim, aspectos tão marcantes em nossa sociedade, como são as questões de segregação, ainda mais pela oportunidade de fazer uma reflexão calcada no âmbito educacional, analisando de forma crítica, e ao mesmo tempo singular, a sua importância na construção dos indivíduos, abraçando suas individualidades.

Diante desses aspectos discutidos, constata-se a relevância desse trabalho no âmbito social e acadêmico, pois buscamos demonstrar, a partir do confronto entre duas realidades distintas, um estudo sobre questões que permeiam por nossa sociedade. No entanto, as discussões provenientes desse não são concluídas aqui, pois acreditamos que essa temática pode levar a contribuição para novos trabalhos, uma vez que haja a possibilidade de sua ampliação para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Violências nas escolas**. Brasília : UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, NAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- ABREU, Antônia Regina dos Santos. **Relações sociais em uma escola pública municipal de Altos, Piauí**: um estudo das realidades de alunas/os afrodescendentes e as professoras. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Demerval Muniz. **Xenofobia**: medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez, 2016.
- ALMENDRA. C. A.; BAIERL, L. F. **A violência**: realidade cotidiana. Sociedade e Cultura, v. 10, n. 2, p.267-279, 2007.
- BOURDIEU, Pierri. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil. S.A.,1989.
- ONU. **Declaração Universal Dos Direitos Humanos**. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas,1948. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em 7 de set. de 2017.
- BRASIL. Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: Acesso em 7 de set. de 2017.
- _____. Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: Acesso em 7 de set. de 2017.
- _____. LEI Nº 7.716, DE 05 DE JANEIRO DE 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm>. Acesso em 7 de set. de 2017.
- BUENO, Sinésio. **Dialética da diferença**. Educação. Porto Alegre, v.36, n.3, p.325-331. 2013.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas**. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.240-255, Jul./Dez. 2011.
- COELHO, Edmundo Campos. Criminalização da marginalidade e a marginalização da criminalidade. **Revista de Administração Pública**, v. 12, n. 2, p. 139-161, abril-junho 1978.

CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz. **A construção da identidade afrodescendente**. Revista África e Africanidades - Ano 2 - n. 8, fev. 2010.

DELATORRE, Catia Silene. **A Construção da Gestão Democrática no Contexto Escolar Multicultural**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em *Lato-Sensu* em Gestão Educacional). Universidade Federal de Santa Maria, Constantina, 2012.

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia**. Tradução de Stephania Matousek. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Mariza Scheffe; SOBRINHO, Vilma Pereira. **A Figura Feminina no Contexto da Inquisição**. Educere et educare – vol.1, n.1, p53-58, jan./jun. 2006.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 247-281.

GIL. Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4, Ed. São Paulo: Atlas 2002.

GÓES, Weber Lopes. **Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl**. 2015. 276 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. 2015.

GOMES. Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas**. RBPAAE – v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.

KERN. Gustavo da Silva. **Racialismo, Eugenia E Educação Nas Primeiras Décadas Do Século XX**. ANPEd. Goiânia. p. 1-15, set./out. 2013.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Maria Batista. Identidade Étnico/Racial No Brasil: uma reflexão teórico-metodológica. **Revista Fórum identidades**, Ano 2, Volume 3 – p. 33-46 – jan-jun de 2008.

LINS, Samuel Lincoln Bezerra. **Valores Sociais e Preconceito Raciais: como percebo a mim e ao outro**. 2010. 126f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, João Pessoa.

MACIEL, Maria Eunice de S. **A eugenia no Brasil**. Anos 90. Porto Alegre, n.11, p. 221- 230, julho de 1999.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia**. Coleção Magistério 2º Grau. São Paulo: Cortez, 1988.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A Sociologia Da Educação De Pierre Bourdieu: Limites E Contribuições**. Educação & Sociedade, ano XXIII, Nº 78, Abril/2002.

OLIVEIRA, Edjôfre Coelho De. **O Bullying Na Escola: Como Alunos E Professores Lidam Com Esta Violência?** Revista Fundamentos, V. 2, n.1, 2015.

OLIVEIRA. Rita de Cássia da Silva. **Sociologia: consenso & conflito**. Ponta Grossa: UEPG, 2001.

PAIXÃO, A. L. **A violência urbana e sociologia: sobre crenças e fatos e mitos e teorias e políticas e linguagens e...** Religião e Sociedade, v.15, n. 1, Iser/CER, 1990.

- RIHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas 2012.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e A Câmara Secreta**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e A Pedra Filosofal**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Askaban**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- SANTOS, Ivone Aparecida dos. **Educação Para A Diversidade**: uma prática a ser construída na Educação Básica. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>>. Acesso em: 31 de agosto de 2017.
- SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. “**Questão racial e etnicidade**”. In: O que ler na ciência social brasileira (1970-1995) (org.) MICELI, S. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999.
- SILVA, José Augusto Medeiros. AMORIM, Wellington Lima. **Estudo de Caso: O pensamento sociológico de Max Weber e a Educação**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.6, n.1, p.100-110, 2012.
- SILVA, Sara. **O pensar certo e a educação na obra de Paulo Freire**. Londrina, 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.
- SOUZA, Eliete Ramos de. **A Escola Como Instituição Social: revisitando a função social da escola**. Londrina, 2013. 80 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.
- TRINDADE, A. L. **Olhando com o Coração e Sentindo com o Corpo Inteiro no Cotidiano Escolar**. In: TRINDADE, A. L e SANTOS, R. (org). **Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- VARES, Sidnei Ferreira de. **A Sociologia Durkheimiana e a Tradição Conservadora: Elementos Para Uma Revisão Crítica**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 14, n. 40, pp. 135-156, abril de 2015.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Maria Palloma da Silva Santos,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Os impactos do preconceito nas relações sociais: de
segundo a realidade
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 21 de Junho de 2018.

Maria Palloma da Silva Santos
 Assinatura

Maria Palloma da Silva Santos
 Assinatura